

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES COMUNICAÇÃO E DESIGN
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

RAFAELA FELIX MONTEIRO

GOELA ABAIXO:

A cena da cultura musical na periferia de Bauru

Bauru

2023

RAFAELA FELIX MONTEIRO

GOELA ABAIXO:

A cena da cultura musical na periferia de Bauru

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado em cumprimento parcial às exigências do curso de Jornalismo da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, do Departamento de Comunicação Social da UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” –, para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora do Projeto Experimental:
Profa. Dra. Suely Maciel

Bauru
2023

M775g Monteiro, Rafaela Felix
Goela Abaixo : A cena da cultura musical na periferia de Bauru /
Rafaela Felix Monteiro. -- Bauru, 2023
71 p. : tabs.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Comunicação
Social: Jornalismo) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),
Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru
Orientadora: Suely Maciel

1. Podcasting. 2. Música. 3. Periferia. 4. Bauru. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de
Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

RAFAELA FELIX MONTEIRO

GOELA ABAIXO:

A cena da cultura musical na periferia de Bauru

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado em cumprimento parcial às exigências do curso de Jornalismo da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, do Departamento de Comunicação Social da UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” –, para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora do Projeto Experimental: Profa. Dra. Suely Maciel

Bauru, 18 de janeiro de 2023

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Suely Maciel (orientadora)

Prof. Juarez Tadeu de Paula Xavier

Fábio Camargo Fleury de Oliveira

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a minha família, meus pais e irmão, por sempre acreditarem em mim e me apoiarem, de forma incondicional, a correr atrás dos meus sonhos.

Agradeço aos meus amigos de São Mateus, em São Paulo, por toda cumplicidade, lealdade e torcida, mesmo com a distância dada pela minha permanência em Bauru.

Agradeço às amigadas que adquiri em Bauru, como às minhas companheiras da República Odara, por terem sido meu colo durante a graduação, período em que estive longe da minha família e dos amigos de infância.

Agradeço também à querida professora e minha orientadora, Suely Maciel, por todos os ensinamentos e pelo apoio durante a graduação e na elaboração deste trabalho. Sua existência foi crucial para a minha formação profissional.

Por fim, agradeço e dedico este trabalho à minha maior motivação de levá-lo até o fim: ao meu tio Jair, que sempre torceu pela realização das minhas conquistas e vibrou por elas, mas que, infelizmente, durante a execução deste projeto, deixou de ocupar este plano. Sei que está feliz, onde estiver, tio.

“Jamais volte para sua quebrada
de mão e mente vazias.”

Emicida

RESUMO

Este projeto experimental batizado de Goela Abaixo busca divulgar e descrever de maneira crítica a cena cultural musical na periferia de Bauru (SP), por meio de uma série de três reportagens especiais interpretativas veiculadas no canal podcasting. Cada edição tem aproximadamente 20 minutos e aborda a produção local centrada fundamentalmente no funk, no rap (uma das vertentes do movimento hip hop) e no samba. O principal objetivo do projeto é dar visibilidade ao trabalho dos artistas locais desses ritmos que atuam a periferia bauruense, mostrando o cotidiano de músicos e produtores, o papel dos organizadores dos eventos, a participação do público e os problemas enfrentados por todos na configuração (como os socioeconômicos, institucionais e o preconceito). Além disso, também é apresentado como é realizada a manutenção dessa cena cultural na cidade assim como os aspectos motivacionais e emocionais entendidos como fatores de engajamento. Todo o trabalho está disponibilizado de forma gratuita na plataforma de divulgação de podcasts Spotify.

Palavras-chave: Podcasting; Música; Periferia; Bauru.

ABSTRACT

This experimental project called Goela Below seeks to disseminate and describe in a criticizes the musical cultural scene on the outskirts of Bauru (SP), through a series of three interpretive special reports aired on the podcasting channel. Each edition has approximately 20 minutes and addresses local production fundamentally centered on funk, in rap (one of the aspects of the hip hop movement) and in samba. The main objective of project is to give visibility to the work of local artists of these rhythms that operate in the periphery bauruense, showing the daily life of musicians and producers, the role of organizers of events, audience participation, and issues faced by everyone in setting up (such as socioeconomic factors, characteristics and prejudice). Furthermore, it is also presented how the maintenance of this cultural scene in the city is carried out, as well as the motivational and emotional aspects understood as engagement factors. all the the work is available free of charge on the platform for publishing podcasts, Spotify.

Key-words: Podcasting, Music, Periphery, Bauru

GOELA ABAIXO, produzido como

Trabalho de Conclusão de Curso, pode ser

acessado no seguinte link:

Spotify:[https://spotifyanchor-
web.app.link/e/GtPP8KZVwb](https://spotifyanchor-web.app.link/e/GtPP8KZVwb)

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Logotipo do programa <i>Goela Abaixo</i>	26
Figura 2- Capa do Episódio 1: Insistência.....	27
Figura 3- Capa do Episódio 2: Resistência.....	27
Figura 4- Capa do Episódio 3: Insistência.....	28

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
1.1	Objetivos Geral	13
1.2	Objetivos Específicos	13
2	BALIZAS TEÓRICAS E CONCEITUAIS	15
2.1	Podcasting e produção em áudio	15
2.2	Formatos e gêneros na produção audiodfônica.....	16
2.3	As noções de fronteira, centro e periferia.....	19
2.4	A cultura popular.....	20
2.5	Os ritmos populares samba, rap e funk.....	21
3.	METODOLOGIA DE EXECUÇÃO	24
3.1	Pré-produção.....	24
3.1.2	Pautas.....	24
3.2	Produção.....	25
3.3	Pós-produção.....	26
3.4	Descrição do Produto	26
3.5	O logotipo.....	27
4	PÚBLICO-ALVO	30
5	CUSTOS DE EXECUÇÃO.....	31
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
	REFERÊNCIAS.....	34
	APÊNDICE A – PAUTA 1.....	37
	APÊNDICE B – PAUTA 2.....	40
	APÊNDICE C – AGENDA DE ENTREVISTAS PRESENCIAIS.....	43
	APÊNDICE E – ROTEIRO 2.....	55
	APÊNDICE F – ROTEIRO 3.....	64
	APÊNDICE G - LISTA DE MÚSICAS	74

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa apresentar um panorama da cena musical na periferia de Bauru (SP), a partir especialmente dos artistas e do público que a configuram e movimentam. Nesse sentido, o trabalho procura descrever as principais manifestações de rap, funk e samba, ritmos hegemônicos produzidos e consumidos nas comunidades e bairros populares da cidade. Por meio de uma série de reportagens especiais, publicadas em forma de *podcast*, o projeto intitulado *Goela Abaixo* apresenta os principais músicos, os eventos, as formas de organização, a interação com o público, as dificuldades e todo o cenário em que a cultura musical se efetiva nessas regiões. Com ele, busca-se dar visibilidade às manifestações populares e à cultura na periferia, expandindo o espaço para os artistas e suas criações, ao mesmo tempo que se discutem questões que atravessam a cena, como as dificuldades socioeconômicas, a discriminação e o preconceito.

A produção está dividida em três reportagens especiais/episódios, cujos títulos são *Insistência*, *Resistência* e *Persistência*. Ela está disponível no agregador Spotify, com o nome *Goela Abaixo* (<https://spotifyanchor-web.app.link/e/GtPP8KZViwb>). Cada episódio tem aproximadamente 20 minutos e traz dezenas de trechos de entrevistas, cobertura *in loco* e fragmentos de músicas dos artistas que participam da produção. A narração é de Rafaela Monteiro.

O desenvolvimento de uma produção em mídia sonora, em formato *podcast*, tendo como recorte a cultura musical popular produzida por pessoas que atuam na área periférica de Bauru, fundamenta-se na ausência de um espaço de relevância dentro das mídias locais para que esses conteúdos cheguem a mais pessoas, contribuindo até mesmo para que o público desses artistas aumente.

Dentre os veículos locais mais tradicionais como a 96 FM e a Jovem Pan Bauru, por exemplo, não há um espaço reservado para essa produção. Tampouco esta é uma temática abordada em veículos não radiofônicos. O portal do *Jornal da Cidade*, por exemplo, por mais que tenha um espaço dedicado a *podcasts*, o JCN Net *Podcasts*, não abraça tal recorte, assim como o *Jornal Dois Bauru*, mídia alternativa que mantém somente um *podcast*, sendo ele dedicado à política. Dos *podcasts* criados por bauruenses, como *Sanduíche Podcast*, *Unisagrado*, *Cena X*, *Programa de Indie*, *Thur pelo Mundo* e *Juntacast* (OBA, 2021), a maioria esmagadora não faz

a mesma abordagem que a proposta neste trabalho. Quanto àqueles que tangenciam a proposta, como o *Upycast*, sobre pessoas e artistas de Bauru, e o *Pagode Bauru*, de divulgação de eventos e artistas do ritmo, também há diferenças, uma vez que ambos são conversas descontraídas, ora ou outra com entrevistas, mas nenhuma reportagem, principal formato do *Goela Abaixo*.

O *podcasting* é uma forma de publicação de arquivos multimídia digitais para serem consumidos *on demand*, via *streaming* ou de maneira diferida, realizando o *download* do conteúdo. Os arquivos, ou podcasts, ficam disponíveis na internet e podem estar vinculados a um portal ou a agregadores, ademais podem incluir imagens e *links* que favorecem uma maior interação. A sua forma de distribuição é direta e atemporal, logo, a produção em sistema de *podcasting* pode ser consumida quando o ouvinte quiser, diferentemente da radiofônica tradicional, em que há uma necessidade de seguir uma programação ao vivo (MACEDO, 2012).

Sendo o *podcasting* entendido como um ‘desdobramento’ da comunicação radiofônica, ocorrido com a expansão da internet, considera-se o podcast um meio relevante de disseminação de conteúdos específicos. Pelo fato de ser de baixo custo e fácil produção, ele se tornou uma maneira de produção e consumo de conteúdos cada vez mais especializados, ainda mais porque o formato permite ao ouvinte escolher o conteúdo e quando irá consumi-lo (MACEDO, 2012). Uma pesquisa realizada pelo Ibope (2019) mostra que, dos 120 milhões de usuários de internet do Brasil, 50 milhões (40%) já ouviram um programa em áudio (PACETE, 2019). Outra pesquisa, divulgada pela empresa Deezer, apontou um crescimento de 67% no consumo de podcasts no Brasil (MOGNON, 2019).

Com base em Castells (2013), entende-se que num mundo segmentado por nichos de diferentes grupos sociais interligados por uma rede, que é a internet, nota-se na mídia uma maneira de encontro de identidades em prol da adesão e do reconhecimento. E justamente por isso, o consumo de mídia se tornou optativo (BUFARAH JUNIOR, 2020).

Partindo do conceito de semiosfera, central na discussão do semiótico russo Yuri Lotman (AMÉRICO, 2017), busca-se que artistas presentes na periferia de Bauru atravessem a fronteira desse território, levando-se essa cultura para mais espaços, em prol do chamado *acoplamento estrutural*, isto é, o fenômeno de troca entre os ambientes dos quais se influenciam e modificam a dinâmica interna e provocam uma mudança estrutural no sistema (STEFFENS; DANTAS, 2016).

A música tem papel de articular os grupos identitários, as sociabilidades, imaginários e estéticos compartilhados, e também as apropriações territoriais na cidade e visões de mundo

(ROCHA, 2009). A necessidade e vontade de produzir cultura musical surge de encontro com o som que o produtor ouve e com o qual se identifica. No espaço cultural periférico de Bauru, em relação à musicalidade, foram encontradas fontes dos ritmos musicais samba, funk e rap. Esses gêneros, apesar de já expandidos para a “massa”, são de origem popular, o que explica a localização desses artistas que contemplam a temática do projeto.

Neste caso específico, usou-se o áudio como canal para favorecer a adesão e o reconhecimento dessa cultura musical presente em Bauru, haja vista o recorte e suas características difusoras. Boa parte da produção na podosfera¹ é musical, ou seja, de podcasts de divulgação do trabalho de artistas e/ou composições em diversos segmentos. Isso, de certa maneira, reflete uma tradição também do rádio, em que a programação musical compõe parte essencial da programação. A escolha do podcast como formato de divulgação, portanto, justifica-se por esses dois aspectos.

1.1 Objetivos Geral

Desenvolver uma produção em mídia sonora, a ser publicada por sistema de podcasting, para compreender e divulgar a cena musical na periferia de Bauru/SP, com ênfase nos artistas dos gêneros samba, funk e rap e na discussão das questões que atravessam esse cenário, como a problemática socioeconômica, a institucionalidade, a discriminação e o preconceito, de forma a contribuir para a compreensão da realidade e desconstrução do estigma sobre pessoas e cultura da periferia. Busca-se também colocar em prática, por meio de um projeto experimental, o conhecimento teórico e técnico adquirido durante o curso de graduação em Jornalismo.

1.2 Objetivos Específicos

- a) retomar conteúdos sobre cultura de massa e cultura popular discutidos na graduação;
- b) realizar reportagem em profundidade, valendo-se da entrevista, da pesquisa e da observação direta da realidade;
- c) construir programas de mídia sonora seguindo a temática e recorte propostos;

¹ Toda esfera relacionada aos Podcasts

- d) Desenvolver conteúdo informativo e entretenimento em mídia sonora, sob perspectiva jornalística, em formato de reportagem especial em áudio;
- e) Ampliar o conhecimento sobre jornalismo audiofônico e *podcast*.

2 BALIZAS TEÓRICAS E CONCEITUAIS

Nesse tópico serão abordadas as teorias e estudos referentes ao formato e temática escolhida para este trabalho. Os teóricos optados fizeram parte da grade curricular do curso de jornalismo na Unesp.

2.1 Podcasting e produção em áudio

Os serviços de *streaming* são consolidados quando se trata de música, principalmente ao se observar o ‘colapso’ das rádios tradicionais.

De acordo com pesquisa realizada pela consultoria Ipsos nos 13 principais mercados nacionais de música pela primeira vez, a maioria (51%) dos consumidores acessa serviços de streaming para escutar arquivos musicais desse universo, 35% recorrem a serviços gratuitos e 16% são assinantes e pagam mensalidades. (VICENTE, 2018, p. 27)

Existem dois tipos de gravadoras, as grandes, chamadas por Vicente (2018) de *majors*, que possuem alcance internacional, e as *indies*, que costumam trabalhar com a música local. Há uma desigualdade histórica sobre os meios de comunicação (neste caso, as rádios) abraçarem menos as produções locais, uma realidade que permanece no mercado digital, mesmo com o barateamento dos custos operacionais nesse novo meio.

A dificuldade em encontrar conteúdos alternativos também é uma consequência da desigualdade entre as grandes gravadoras e as independentes. Além disso, nem sempre o pagamento dos artistas é executado de maneira correta nas plataformas digitais. Num modelo de negócios em que o pagamento de royalties (uma porcentagem dos lucros obtidos) pelo acesso aos fonogramas se dá em frações mínimas (menos de um centavo de dólar por acesso, já que as empresas são internacionais, como o agregador Spotify), os artistas com maior projeção saem ganhando e as perdas para o setor independente no médio prazo são insustentáveis (VICENTE, 2018).

Os grandes grupos de comunicação possuem uma tendência a desligarem seus serviços de rádio musical por terem dificuldade em lidar com a concorrência acirrada com as novas empresas do entorno digital. Há uma maior predisposição pelo conteúdo informativo em detrimento do musical, pela ausência de rentabilidade no segundo (VICENTE, 2018).

Como observado, a diversidade musical e local no Brasil sofre um grave risco visto que não são preferências dentro dos serviços de streaming, dada a dificuldade de projeção. Desta forma, foi entendido no podcast uma alternativa para driblar tal problemática que é urgente e desigual (VICENTE, 2018).

O primeiro podcast do Brasil foi o *Digital Minds*, produzido por Danilo Medeiros, logo quando surgiram as primeiras produções, em 2004. No caso do jornalismo, a maioria dos podcasts é produzida por jornalistas e tem a finalidade de informar, expor fatos e acontecimentos. A informalidade também é uma característica presente, com isso há uma maior interação entre o produtor e o público, não importa se o objetivo da produção é informar, fomentar o debate ou até entreter (MACEDO, 2012).

Segundo Ana Amélia de Carvalho (2009), existem definições como expositivo/informativo como forma do conteúdo do podcast. O formato pode ser em áudio, vídeo e até mesmo em conjunto de imagens com som (videocast). Já no aspecto de duração, considera-se longo acima de um quarto de hora, moderado, de 6 a 15 minutos, e curto, de um a cinco minutos.

A resignificação do conteúdo por parte da audiência que consome mídia só acontece se houver um desenvolvimento de linguagem adequada (HERSCHMANN, 2008). É justamente o derivado do rádio, o podcast, que executa tal ato, visto que possui a característica de sedução, com a ausência de regras rígidas, sem padrões de locução, linguagens ou temas a serem abordados.

O podcast, como herdeiro da linguagem radiofônica, reúne elementos da oralidade, como a paralinguística (elementos não verbais que fazem parte da comunicação verbal, como o ritmo da fala, tom e volume da voz, e pausas utilizadas durante a pronúncia), que prendem e encantam o ouvinte (GOMES, 2006).

Assim, este tipo de canal, o podcast, foi identificado como o ideal por atingir o grande público por meio de sua facilidade de assimilação, o que favorece no objetivo do trabalho de divulgar trabalhos que fazem uso do som, ou seja, a música. Fora que não é necessário que a pessoa seja alfabetizada para consumir o conteúdo.

2.2 Formatos e gêneros na produção audiofônica

Tendo em vista não haver um consenso sobre as diferentes formas e abordagens na produção radiofônicas/audiofônicas, parte-se da classificação proposta por Eduardo Vicente (2018) como baliza para este trabalho sobre os componentes da mensagem/programação em áudio, bem como dos principais gêneros e formatos:

- a) Gênero: entendido como uma classificação geral da mensagem que visa atender a expectativa do ouvinte, pode ser comercial, jornalístico ou informativo, musical, dramático ou ficcional e educativo-cultural;

- b) Formato: são vistos como os modelos que os programas/ produções podem assumir para aderir os diferentes gêneros;
- c) BG: termo derivado da palavra em inglês *background*, refere-se a “fundo”, algo que fica sob outra coisa. É normalmente a música instrumental que vem de fundo nas locuções, o que pode também ser chamado de ‘trilha branca’;
- d) Vinheta: é a abertura de um programa. Normalmente traz um tema musical;
- e) Gênero jornalístico ou informativo: busca apresentar a informação de forma mais atualizada e abrangente, e pode ser entendido como informativo (de maneira mais ‘isenta’) e opinativo (na qual há subjetividade);
- f) Nota: informe curto e sintético de algum acontecimento e costuma durar 30 segundos;
- g) Boletim: informativo curto que traz as principais informações do dia de forma sintetizada e com no máximo 5 minutos de duração;
- h) Reportagem: matéria específica e de maior fôlego de determinado tema, que pode combinar o informativo com o opinativo, contendo BG, externas, entrevistas e opinião do repórter;
- i) Entrevista: depoimento dado pela fonte para o repórter e pode ser captado tanto em estúdio quanto em externas. Espera-se isenção do repórter na condução das perguntas, durante a entrevista;
- j) Externa: matéria feita a partir do local do acontecimento e leva ao ouvinte para além da informação, ambientando o acontecimento e descrevendo local onde ocorrem os fatos;
- k) Crônica: produção que normalmente aborda temáticas de política, comportamento, esportes, moda etc., contudo o foco sempre é a *persona* feita pelo autor e não a temática em si. O tema é escolhido pelo autor e ele tem liberdade para expressar suas opiniões pessoais;
- l) Debate: também conhecido como mesa redonda, o debate reúne personalidades e especialistas de um determinado assunto para levantar suas opiniões sobre ele. É sempre mediado por um apresentador e pode haver participação do ouvinte;
- m) Radiojornal: programa que, dividido em diferentes segmentos, reúne diversos formatos jornalísticos, como notas, reportagens, boletins, comentários e crônicas;
- n) Documentário radiofônico: formato híbrido que abraça entrevistas, depoimentos pessoais, opiniões e dramatização de textos e acontecimentos. Porém, necessariamente obriga o uso de música e efeitos sonoros;

- o) Programas esportivos: para além dos já enquadrados como programas jornalísticos, também são consideradas dentro da categoria as transmissões de eventos esportivos, como jogos de futebol e corridas de cavalo;
- p) Gênero musical: configura-se basicamente na alternância entre a música e a locução dentro de um programa, de maneira praticamente ininterrupta;
- q) Gênero dramático ou ficcional: faz uso de todos os recursos da linguagem sonora (música, efeitos, silêncio e vozes) para construir ambientes e personagens e, por meio deles, apresentar histórias reais ou fictícias;
- r) Radionovelas: dramas radiofônicos de longa duração e divididos em capítulos;
- s) Seriado: com foco em personagens centrais e fixos, é uma história amplificada na qual as peças são independentes uma das outras e possui início, meio e fim;
- t) Peça radiofônica: produção unitária que pode ser uma dramatização de uma situação social (sociodrama) ou adaptação de um texto;
- u) Poemas dramatizados: poemas expressados pela leitura dramática que pode ser acompanhada por BG, efeitos, intervenções, sobreposições de outras vozes, entre outros;
- v) Sketch: quadro cômico curto que tende a ser apresentado no intervalo da programação;
- w) Gênero educativo-cultural: destinado à divulgação de conteúdos educativos e culturais;
- x) Documentário educativo-cultural: dedicado a temas artísticos, históricos, sociais e/ou culturais. Também faz uso dos mesmos recursos utilizados nos documentários jornalísticos;
- y) Autobiografia: destinado a discutir a vida e a obra de alguma personalidade;
- z) Programa temático: focado na discussão de uma temática ou área específica do conhecimento;
- aa) Programas de variedades ou infantis: não são enquadrados dentro de um gênero específico, por mais que sejam destinados a públicos específicos, são compostos por uma variedade de quadros como jogos, concursos, música, noticiários, participação do público etc.

O gênero da produção *Goela Abaixo*, segundo a classificação, é o jornalístico, tendo como formato a reportagem informativo-interpretativa, no caso a especial, dada a extensão e o aprofundamento de cada episódio. As reportagens baseiam-se em entrevistas, pesquisa e

observação e são configuradas com narração intercalada com sonoras e trechos de música, algumas delas também em BG.

2.3 As noções de fronteira, centro e periferia

Para compreender a temática de cultura periférica recorreu-se às noções de fronteira, centro e periferia tratadas pela semiótica da cultura. Semiosfera, para Lotman (2001), é o espaço semiótico que abarca todo o universo de sentidos e ela é próxima do significado de cultura (AMÉRICO, 2015).

A cultura organiza a si mesma em forma de um determinado "espaço- tempo" e não pode existir fora dessa organização. Essa organização é realizada como semiosfera e, ao mesmo tempo, com a ajuda da semiosfera. (LOTMAN, 2001, apud AMÉRICO, 2015, p. 7).

A ideia de homogeneidade é o que torna a semiótica (cultura) reconhecível entre outro espaço semiótico (ou outras culturas) e as “margens” são o que caracteriza algo como membro da cultura ou não-cultura e até anticultura. Tais “margens” ou fronteiras são uma divisão abstrata e imaginária que possibilita a troca de informações entre uma semiosfera e seus arredores. Ainda que o recorte deste trabalho seja a periferia geográfica e social de Bauru, esta ideia de “periferia” pode estender-se também à esfera da cultura, dado que somente no espaço da periferia é que as manifestações culturais musicais abordadas são compreendidas.

As funções da fronteira são limitar a invasão de elementos “alheios” e selecionar alguns dos elementos para que sejam filtrados e adaptados para a linguagem da semiosfera em questão. Dependendo do caso, a semiosfera pode se aproximar também da ideia de fronteiras geográficas, históricas e temporais. A heterogeneidade interna da semiosfera é composta por diferentes textos que interagem entre si dentro das linguagens culturais (como a música popular) que disputam o espaço central. E estes textos, juntos, compõem o conjunto “homogêneo” da semiosfera.

Dentro da semiosfera há um centro e uma periferia que possuem uma relação hierárquica. A periferia é mais próxima da fronteira, enquanto o centro encontra-se mais distante. Na região central é onde surgem as normas sociais e de comportamento e “normalidade” ali é produzida. A periferia, em oposição, está longe das normas centrais e mais influenciada pelas outras semiosferas, por isso, passa por processos semióticos acelerados (STEFFENS; DANTAS, 2016).

Esses processos acelerados consistem numa troca de espaços, ou seja, conteúdos, devido à entrada do conteúdo periférico no central. Por aquele ser mais dinâmico, tende a adentrar-se no núcleo e o núcleo acaba por ser transferido para a periferia (AMÉRICO, 2015). E quando um conteúdo da fronteira semiótica consegue se impor, ele se locomove para o cerne da semiosfera, podendo ocorrer como formato de normas comportamentais, de moda ou linguagem (STEFFENS; DANTAS, 2016). Isto, a partir do momento que a cultura musical atuante na periferia de Bauru consegue se impor, passaria a ditar normas de linguagens a serem reproduzidas.

O diálogo precisa estar entrelaçado ao bilinguismo para que haja uma troca semiótica. É necessária essa diferença para que haja sentido na troca, ao mesmo tempo, também é preciso um filtro de tradução para que a comunicação ocorra, já que a diferença absoluta não permite a existência de um diálogo. Por isso, o jornalismo, por meio do podcast *Goela Abaixo*, enquanto área provedora de informação, é o filtro ideal para que a produção feita por pessoas da periferia atravesse a fronteira semiótica cultural, de classe e geográfica.

2.4 A cultura popular

Para abordar a cultura popular foi necessário retornar o que se entende enquanto cultura de massa. Esta ideia ganhou força, segundo Eclea Bosi (1972), a partir do momento que a noção de detenção da cultura, somente entre a sociedade de alta burguesia, presente no século XIX, se desmancha com a generalização dos meios de comunicação (impresso, rádio e televisão). E a concepção de dominação deixou de abraçar somente o meio material e invadiu o cultural. A partir daí, surge a cultura de massa, que é a criação de padrões de maneira intensa, de acordo com conteúdo produzidos pela indústria cultural, que gera a sensação de “mesmice”. O seu objetivo é o lucro dentro desta perspectiva, porque quanto mais sincretismo, mais consumo (BOSI, 1972).

Cultura popular é uma realidade cultural estruturada a partir de relações internas no coração da sociedade, como uma resistência e uma minoria em escala, se comparada com a cultura de massa. Minoria esta, neste recorte, observada na periferia de Bauru. Quanto à periferia, neste caso, utiliza-se o explicado em *Periferias Insurgentes: Ações Culturais de Jovens nas Periferias de São Paulo* em que os espaços periféricos são entendidos por não apresentarem níveis de renda, assim como sistema de objetos e ações, que beneficiam a qualidade da vida humana” (SANTOS, 2012, apud OLIVEIRA et al., 2021).

Criada pelo povo, a cultura popular contém traços antiquados, conservadores e até mesmo retrógrados, que refletem condições de vida passadas. Contudo, também contradiz a moral dos estratos dirigentes com formas criadoras e progressistas, segundo Ecléa Bosi (1972). A cultura popular só seria notada quando está em relação de confronto com a cultura dominante, que é vista como aceitável pela sociedade. Fora desta situação, o popular é entendido como misterioso e folclórico (educação informal que orienta, revigora comportamentos e faz participar de crença e valores) (BOSI, 1972).

Como aponta Adorno (1944), a indústria cultural produz coisas que não refletem a sociedade e o folclore (a educação informal que conduz comportamentos, crenças e valores) que existem nela, mas sim a visão de mundo dos detentores dos meios de produção dessa indústria.

Entre os dominadores e disseminadores da cultura de massa não está incluído o “povo”, por isso este trabalho buscou suprir essa ausência de um meio de comunicação que amplifique o alcance da música presente na periferia de Bauru, ao se considerar os ritmos funk, rap e samba como elementos da cultura popular.

2.5 Os ritmos populares samba, rap e funk

A escolha de um estilo é visto como um dos caminhos para a afirmação da identidade, pois o consumo simbólico promove a diferenciação, ou seja, ‘eu sou o que eu consumo’. E essas identidades, por sua vez, tornam-se narrativas que se articulam por meio do consumo e da produção cultural (ROCHA, 2009). E foi partindo desta perspectiva que a escolha dos ritmos samba, funk e rap se deu, haja vista o surgimento de todos na periferia/subúrbio das metrópoles e o fato de que cantam realidades com que o grupo periférico se identifica, como no caso de Bauru.

A configuração do samba tem início com os negros africanos trazidos para o Brasil durante o período da escravidão. Sendo um dos gêneros da música popular mais dispersos pelo país, ele é consequência da bagagem cultural de diversas etnias que conviveram principalmente na Bahia (onde havia maior número de escravos), Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo (SANTANA, 2010).

O samba é um estilo musical dinâmico que se adaptou aos mais diversos cenários políticos e sociais. Desde seu surgimento, ele é intrinsecamente ligado ao carnaval. No caso de São Paulo, o carnaval popular paulistano se inspirou no das cidades do interior, pelas danças e músicas que se associavam à festa. Os líderes do carnaval da capital eram majoritariamente

originários de cidades do interior (SANTANA, 2010). E é aí que se enxerga a força do samba perante a população periférica bauruense. Bauru foi a segunda cidade do país a ter um sambódromo, e obteve antes mesmo da capital paulista (SOLUTUDO BAURU, 2020).

Já o funk e o rap surgiram no Brasil na década de 1970, com a disseminação dos “bailes black” dos grandes centros urbanos. Da mesma origem social, encabeçados majoritariamente por negros e pobres, os dois movimentos possuem semelhanças, como o uso de aparelhos eletrônicos, a apropriação musical e a base com batidas (DAYRELL, 2002).

O rap é uma das vertentes da cultura hip hop, a qual contempla também as artes plásticas (grafite), a dança (break) e a discotecagem (dj). O rap é uma palavra formada pelas iniciais da expressão ritmo e poesia (rhythm and poetry, em inglês). Seu foco é a apropriação da produção musical, com a combinação de trechos de músicas já existentes, mixados para gerar uma nova música.

Apesar das semelhanças, o funk e o rap foram assumindo características próprias com o passar do tempo. Suas letras expressam especificidades, sociabilidades, estilos, rituais próprios e diferentes.

As rimas presentes nas letras dos raps normalmente são sempre produzidas por um dos membros do grupo que usa da ação de escrever como modo de extravasar sentimentos e opiniões sobre o mundo e da realidade (DAYRELL, 2002). A relação com as letras das canções é vista pelos artistas como um assunto muito importante. Para eles, à medida que as músicas conseguem traduzir o momento emocional pelo que estão passando, ou até mesmo aproximá-los com a emoção e o sentimento que estão sendo transmitidos pelas letras, as relações se estreitam (ROCHA, 2009).

Nessa produção poética, a estrutura das letras, a fidelidade ao território e a explicitação de uma temática social são elementos identificadores do rap em qualquer lugar, seja no Brasil ou nos Estados Unidos. Ao mesmo tempo, o conteúdo poético tende a refletir o lugar social concreto onde cada jovem se situa e a forma como elabora suas vivências, numa postura de denúncia das condições em que vive: a violência, as drogas, o crime, a falta de perspectivas, quando sobreviver é o fio da navalha. Mas também cantam a amizade, o espaço onde moram, o desejo de um “mundo perfeito”, a paz. (DAYRELL, 2002, p. 127)

No caso do funk, trata-se de uma forma de vivenciar a cultura juvenil. E a sua aderência se deve à identificação com o clima de alegria e diversão presente nos bailes. De acordo com Juarez Dayrell (2002), a letra não tem muito sentido e significado, pois é utilizada como forma de animação dos bailes. As temáticas presentes na maioria das músicas são relacionadas às vivências, como histórias cômicas, os relacionamentos afetivos e a própria descrição e animação dos bailes. A crítica a brigas e a busca por paz também é uma característica presente nas letras de funks.

A comunicação familiar carnavalesca na Idade Média da Europa fazia uso de grosserias, palavras e expressões injuriosas sendo muitas vezes longas e complicadas, e principalmente blasfematórias, e o funk pode ser interpretado de maneira similar. Entendidas como ambivalentes, as obscenidades no carnaval degradavam e mortificavam, por simultaneamente regenerarem e renovarem. Os palavrões criavam um ambiente cômico e de liberdade (BAKHTIN, 2010). E tais características podem ser identificadas dentro do funk.

Se o rappers se vêem como porta-vozes da periferia, assumindo a dimensão da denúncia, os MCs se percebem como aqueles que contribuem para criar a alegria da festa. Assumem, assim, dimensões particulares de uma mesma realidade, pontuando questões cruciais vividas pelos jovens. (DAYRELL, 2002 p.131)

O gosto pela música popular é reforçado à medida que o público consegue cantar junto com a banda e permite que a letra represente o sentimento vivenciado. E é nesse momento que a música brasileira ganha espaço, por ser no idioma nativo. Cantar a música também reforça a sociabilidade e estabelece uma relação não passiva entre os jovens, além disso, revela a visão de mundo por atrair somente quem se identifica com tais letras pregadas, servindo para reflexão (ROCHA, 2009).

Numa das concepções de grotesco apontadas, a teoria de Kayser defende que a sua função é “trazer liberdade proporcionada pela fantasia”. O carnavalesco grotesco baseado no riso extrapola o pensamento e a imaginação humana e se disponibiliza para o desenvolvimento de novas possibilidades (BAKHTIN, 2010). O grotesco na Idade Média tem o mesmo sentimento que a música produzida por pessoas pertencentes à periferia de Bauru, justamente pela liberdade provocada pela fantasia da imaginação humana, visto que são criações autorais que em suas letras trabalham com novas possibilidades de produção.

3. METODOLOGIA DE EXECUÇÃO

A partir deste tópico é descrito o desenvolvimento prático do projeto experimental denominado *Goela Abaixo*.

3.1 Pré-produção

O processo de pré-produção se iniciou com o comparecimento em eventos e manifestações relacionadas à música em alguns bairros periféricos de Bauru, como o Santa Edwiges, o Parque Jaraguá e o Jardim Godoy. Na experiência de frequência aos eventos, foi possível constatar a presença maciça dos ritmos samba, rap e funk nesses ambientes.

A partir daí, foi realizado um levantamento sobre os podcasts que porventura contemplassem essa cultura musical na cidade. Realizou-se um levantamento dos programas existentes nas redes sociais Youtube e Instagram, além de publicações jornalísticas locais. Os programas foram analisados para a identificação de ritmos presentes e estrutura das produções, para que se pudesse conhecer os universos pelos quais eles transitavam e formatos principais.

Paralelamente a essas duas atividades, procedeu-se ao levantamento bibliográfico e documental dos conceitos pertinentes à realização do trabalho, como: música popular, ritmos, cultura periférica, fronteira cultural, podcasting e linguagem dos meios sonoros (rádio e demais).

3.1.2 Pautas

Por meio de uma rede de contatos em Bauru (amigos, conhecidos, amigos de amigos etc.) que moram nos bairros ou os frequentam para assistir aos eventos, obteve-se uma relação de fontes, com destaque para aquelas que, na visão dessas pessoas, eram consideradas mais relevantes, dentro de cada ritmo. Com isso, obteve-se uma listagem de contatos de artistas considerados relevantes no meio musical e de organizadores e divulgadores, que colaboraram para as cenas do samba, funk e rap (Apêndice A e B). Também foi realizada uma pesquisa no Youtube a respeito do conteúdo musical desses artistas, para verificação de suas produções autorais, bem como o acompanhamento das redes sociais de todos eles.

Com base nas informações levantadas nestes canais e na pesquisa bibliográfica e documental, foram definidas duas pautas gerais. A primeira centrada nos artistas com atuação

na periferia de Bauru, e a segunda nos “fortalecedores” da cena, como organizadores de eventos, divulgadores e até o público (Apêndice C).

3.2 Produção

A etapa começou com a realização das entrevistas, que foram agendadas por WhatsApp. Todas foram realizadas de maneira presencial, ora nos eventos em que os artistas se apresentavam, ora em suas casas ou locais nos bairros em que moram. A escolha dos locais ficou a critério do entrevistado/a, para que ele/ela se sentisse mais confortável. Os bairros frequentados foram: Bela Vista, Ferradura Mirim, Jardim Nova Bauru, Jardim Nova Esperança, Jardim Petrópolis, Jardim Santa Edwiges, Mary Dota, Parque Jaraguá, Residencial Colina Verde, Vila Industrial, Vila Santa Filomena e Vila Souto. A Vila Aviação e o centro da cidade também foram regiões que, por mais que não fizessem parte da periferia geográfica, contemplavam a periferia social em razão do público da Batalha dos 13, no calçadão da Batista de Carvalho, e da Summer Palace Bauru, uma balada da região sul da cidade com o mesmo público frequentador dos eventos que são objeto deste trabalho.

Para as gravações das entrevistas e captação de áudio dos ambientes, fez-se o uso de um gravador disponibilizado pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus Bauru.

A partir das entrevistas é que se foi definindo, aos poucos, o formato e a quantidade de episódios, tendo-se optado pela realização de três reportagens especiais, cada uma delas configurando um programa. Por meio do processo de decupagem e hierarquização de conteúdo, foi possível delinear quais os tópicos mais abordados por todos entrevistados e dedicar um episódio a cada um deles, sempre de acordo com os objetivos do trabalho. Dessa forma, o podcast foi intitulado *Goela Abaixo* e as edições, *Insistência*, *Resistência* e *Persistência*.

Na elaboração dos roteiros das três reportagens especiais que configuram cada episódio (Apêndice D, E, F), buscou-se manter um estilo descontraído e bem-humorado para atrair o ouvinte e tornar o conteúdo acessível. Os roteiros contemplam trechos de narração, inserção de dezenas de sonoras e uso de trilhas sonoras. A escolha de parte das trilhas foi feita durante o processo de roteirização, a maioria delas dos próprios artistas que participaram das reportagens (créditos das músicas no Apêndice G).

A coleta de dados para as reportagens, incluindo cobertura dos eventos e entrevistas, resultou em aproximadamente 8 horas e meia de gravação, as quais foram posteriormente

submetidas aos processos de decupagem e edição. As sonoras foram editadas e arquivadas de acordo com sua ordem de inserção nos roteiros, para futura praticidade na edição final. Da mesma forma, também foram salvas as músicas que seriam utilizadas na vinheta de abertura e nas trilhas ao longo das edições. As músicas foram obtidas no Youtube e convertidas em formato mp3 em sites gratuitos disponíveis na internet.

3.3 Pós-produção

Na pós-produção, sonoras, trilha e BG's foram revisados de acordo com a ordem de roteiro de cada episódio da série. Todos os roteiros foram locutados no estúdio de gravação do *Jornal da Cidade*, gentilmente cedido pela direção do periódico, uma vez que, devido ao período de recesso acadêmico, o estúdio de rádio da Unesp estava fechado. Optou-se pela utilização de uma única narradora, justamente a proponente e realizadora da produção.

Durante tal processo, foi realizado o tratamento dos áudios, para padronização do volume e tom de voz e melhoria da qualidade. Devido ao fato do processo de captação de áudios ter sido presencial, houve diferença de volume e nitidez dos áudios. Por isso, foi necessário equalizá-los e padronizá-los, bem como adaptá-los à locução e às trilhas.

Com os episódios editados, revisados e finalizados, as capas da série e as descrições dos episódios foram desenvolvidas e todo o material foi disponibilizado nos agregadores de podcast por meio da Anchor, a plataforma gratuita de podcasts do agregador Spotify. As três edições do *Goela Abaixo* podem ser acessadas no link: <https://spotifyanchor-web.app.link/e/GtPP8KZViwB>.

3.4 Descrição do Produto

Goela Abaixo é uma série de reportagens especiais, dividida em três episódios, em formato podcast, que busca descrever e debater a cena musical na periferia de Bauru, principal cidade do centro-oeste paulista. Os ritmos majoritariamente abordados são o samba, o rap e o funk.

O nome *Goela Abaixo* foi pensado em uma analogia ao processo de deglutição. Engolir um remédio, por exemplo, pode não ser algo de que a pessoa necessariamente goste, mas, ainda assim, o medicamento desce 'goela abaixo', por obrigação ou necessidade. E é exatamente por

esse processo que a música feita na periferia passa, ora porque os artistas têm de engolir, goela abaixo, as dificuldades e entraves, caso queiram continuar praticando sua arte, ora porque a cidade tem de conviver com o movimento e a cultura musical periféricos, mesmo que a contragosto.

A série contém três episódios, de cerca de 20 minutos. No primeiro, apresentam-se as razões da cultura musical ser sinônimo de Insistência (nome do primeiro episódio), visto que o artista autoral e o organizador/divulgador da música feita na periferia têm de realizar sua atividade geralmente sem apoio financeiro (empresarial e público). O episódio segue a estrutura de reportagem com os artistas, entrevista narrativizada com o secretário municipal de cultura e outra reportagem com os outros membros da cena.

O segundo se chama Resistência, pois traz a questão de todos os membros do samba, rap e funk, seja como produtor ou consumidor, enfrentam problemas como o preconceito, a discriminação e, principalmente, a repressão e a violência policiais. A estrutura do segundo episódio constitui de reportagem com os membros da cena e entrevista narrativizada com o secretário municipal de cultura.

Já o terceiro, Persistência, buscou trazer, de maneira empática, os motivos que levam artistas, produtores, divulgadores e o público a se manterem ativos, apesar de todas as dificuldades. Nesta parte, há os aspectos sentimentais e emocionais que influenciam a permanência da cena. A estrutura consistiu em texto de reportagem único, com presença de representantes da cena, seja artistas, divulgadores, organizadores de eventos e o próprio público dos eventos.

Em todos os episódios há a presença da música autoral dos artistas entrevistados que foram usados como abertura, trilhas e BG's. Há também captação de sons orgânicos de tais eventos e movimentos.

Do total, foram 9 artistas de cada ritmo musical (funk, rap e samba) com suas histórias apresentadas, e três deles, um de cada ritmo, estiveram presentes no início dos programas por meio de trilhas sonoras. Logo, todos participaram dessas aberturas, sendo um por episódio.

3.5 O logotipo

A designer Camila Miotto foi a responsável por desenvolver o logotipo deste projeto (Figura 1). O título do projeto está inserido dentro de uma garganta e uma boca com a língua para fora, como uma maneira de representar o incômodo de engolir algo a contragosto que o

trabalho aborda na proposta. Há a presença do “014” para simbolizar a área geográfica de Bauru, visto que o DDD da região é 14. Há a presença de microfones e fone de ouvido como forma de representar que o conteúdo é sonoro. As cores neon foram usadas em busca de trazer destaque e a estética grafite (uma das vertentes do movimento hip hop). O logotipo se repete em cada capa de episódio (Figuras 2, 3 e 4)

Figura 1 - Logotipo do programa *Goela Abaixo*



Fonte: Camila Miotto (2022)

Figura 2 - Capa do Episódio 1: Insistência



Fonte: Camila Miotto (2022)

Figura 3 - Capa do Episódio 2: Resistência



Fonte: Camila Mioto (2022)

Figura 4 - Capa do Episódio 3: Persistência



Fonte: Camila Mioto (2022)

4 PÚBLICO-ALVO

O público-alvo principal da série de reportagens *Goela Abaixo* é formado pelas pessoas que fazem parte da cena musical funk, do samba e do rap em Bauru, seja como consumidor, como artista ou qualquer colaborador do meio. São pessoas que se identificam com a realidade apresentada e que buscam entendê-la, a partir de dados e informações apresentados sob um viés jornalístico. Os programas destinam-se também ao público em geral, que ignora a cena musical na periferia da cidade. Dessa forma, *Goela Abaixo* visa contribuir para a divulgação do trabalho dos artistas da periferia, bem como para a discussão sobre cultura popular, padrões hegemônicos de produção musical e indústria cultural. Por fim, o intuito também é chamar a atenção dos investidores privados e do poder público para a necessidade de fomento da cultura fora do centro social e econômico da cidade, bem como da solução dos problemas enfrentados pelos artistas e público da periferia. Dessa forma, agentes públicos e privados também conformam o público-alvo da produção.

5 CUSTOS DE EXECUÇÃO

Os custos de produção da série de reportagens foram ligeiramente atípicos. Para a produção dos episódios não houve custo com pagamento de profissionais, uma vez que todo o trabalho foi realizado pela proponente. A roteirização e edição foram realizadas por computador próprio, e o gravador utilizado para coleta de sonoras e o estúdio para gravação das locuções de roteiro foram disponibilizados pela Unesp e pelo Jornal da Cidade de Bauru, respectivamente. Portanto, os gastos com equipamentos foram nulos. O custo com design da logomarca também foi zero, pois, a designer forneceu o trabalho como cortesia e o incorporou ao seu portfólio.

Contudo, o processo de apuração foi feito presencialmente, sendo necessário o gasto em transporte para o encontro com as fontes. No geral, uma média de 30 reais foi gasta por encontro, visto que mais de uma entrevista era realizada por dia e muitas vezes os eventos foram realizados em horários em que não havia transporte público, obrigando a produtora a se deslocar com uso de táxi e/ou aplicativos de transporte.

Caso a produção fosse realizada de forma comercial e, eventualmente, contínua, os custos estimados somariam mais de R\$ 10 mil (Tabela 1). Vale ressaltar que os valores utilizados como base para salário de profissionais foi o indicativo de piso salarial de jornalista de rádio e tv no interior, de uma jornada de 7 horas diárias, estabelecido pelo Sindicato de Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo, no ano de 2022. Custos de internet e energia elétrica não foram contabilizados.

Tabela 1 - Custos estimados de produção

Tipo de recurso	Classificação	Qtde.	Descrição	Custo individual	Custo Total
Profissionais	Recorrente	2	Responsáveis pela roteirização, reportagem, gravação, edição e pós-produção	R\$3500,00	R\$7000,00

continua

Tabela 1 – Custos estimados de produção

conclusão

Microfone condensador	Pontual	1	Captação de áudio	R\$500,00	R\$500,00
Notebook	Pontual	1	Roteirização e edição	R\$4000,00	R\$4000,00
Fone de ouvido (headfone)	Pontual	1	Controle da captação e edição de áudio	R\$200,00	R\$200,00
Gravador	Pontual	1	Captação de áudio	R\$400,00	R\$400,00
Transporte por aplicativo	Recorrente	18	Encontro com as fontes	R\$30,00	R\$540,00
TOTAL					R\$ 12640,00

Fonte: autoria própria

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desenvolver este trabalho permitiu à autora colocar em prática todos os conhecimentos adquiridos nos anos dedicados ao curso de jornalismo e aprender, de forma assídua, sobre a cena da cultura musical na periferia de Bauru. Considera-se, portanto, que os objetivos e expectativas quanto ao trabalho foram atingidos. Contudo, houve diversas barreiras pessoais e profissionais a serem superadas.

Dentre as dificuldades encontradas para o desenvolvimento do projeto destacam-se as definições de prazo, visto que não havia noção prévia do tempo necessário para cada tarefa, principalmente por ser a primeira vez em que houve a dedicação a um trabalho extenso, de longo prazo, como este. Foi notada também dificuldades com o texto escrito, dada a ausência de ritmo e frequência de tal atividade na experiência de mercado de trabalho e durante o curso de graduação. A ausência de foco e atenção no desenrolar de diversas atividades foram influenciados também pelo recém diagnóstico do transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, que necessitam ser driblados e continuarão sendo enfrentados durante a vida acadêmica o exercício profissional, transtorno este presente desde a infância, mas só diagnosticado dois meses antes da finalização deste projeto.

Os aprendizados referentes à profissão de jornalista, foi posto em prática :levantamento de pautas, técnicas de entrevista e reportagem, elaboração de roteiros, edição e locução. Contudo, estes foram somente os aprendizados acadêmicos advindos do curso de jornalismo. Mais do que isso, este trabalho favoreceu o retorno da criatividade pessoal na elaboração da série e principalmente dos roteiros e edição, graças, em boa medida, à autonomia que o projeto proporcionou. Tal independência é difícil de se ter devido aos padrões editoriais presentes nas empresas jornalísticas. Ressalte-se também a dificuldade de um trabalho independente se manter no mercado devido às necessidades de periodicidade, investimento e rentabilidade, fatores que, alinhados à indisponibilidade de tempo, tornam o formato podcast inconsistente.

Por fim, é preciso reforçar que o maior aprendizado decorrente da experiência foi o contato humanizado com todas as fontes. Numa geração concretizada pela tecnologia, o presencial se tornou raro e ter a oportunidade do encontro pessoal com os artistas, o público e os promotores foi enriquecedor não somente no recorte de pôr em prática técnicas de entrevista, mas também na troca de histórias, momentos e valores que cada entrevistado concedeu em alguns minutos de conversa. Desta forma, ressalta-se que os maiores ensinamentos recebidos dessas pessoas aconteceram quando o gravador já estava desligado.

REFERÊNCIAS

- AMÉRICO, Ekaterina V. O conceito de fronteira na semiótica de Iúri Lotman. **Bakhtiniana**, São Paulo, 12 (1): 5-20, Jan./Abril. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bak/a/bjLH7zFRPjQwxJgJhjJCzPB/?lang=pt#:~:text=tem%20por%20objetivo%20apresentar%20o,ocorre%20justamente%20na%20zona%20fronteiri%C3%A7a>. Acesso em: 7 de jun. de 2022.
- BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo/Brasília: Hucitec/Editora Universidade de Brasília, 2008.
- BOSI, Ecléa. **Cultura de Massa e Cultura Popular**. Editora Vozes, 1986.
- BUFARAH JUNIOR, Alvaro. Podcast e as novas possibilidades de monetização na radiodifusão. **Radiofonias — Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 11, n. 01, p. 33-48, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/radiofonias/article/view/4316>. Acesso em: 7 de fev. de 2022.
- DAYRELL, Juarez. O rap e o funk na socialização da juventude. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.28, n.1, p. 117-136, jan./jun. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/rqhzvRzXfWjTT4kqS7Swzfn/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 16 de ago. de 2022.
- GOMES, Adriano Lopes. O rádio e a experiência estética na constituição do ouvinte. **A Arte do Conflito**, 2006. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwilhvze1rb8AhUDGbkgGHb33BP4QFnoECAgQAQ&url=http%3A%2F%2Fbocc.ufp.pt%2Fpag%2Fgomes-adriano-radio-experiencia-estetica.pdf&usq=A0vVaw0vGhNdKYmuy2D2k7VIXd0R>. Acesso em: 22 de março de 2022.
- HERSCHMANN, Micael; KISCHINHEVSKY, Marcelo. A “geração podcasting” e os novos usos do rádio na sociedade do espetáculo e do entretenimento. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, n. 37, p. 101-106, 2008. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/4806>. Acesso em: 2 de fev. de 2022.
- HERSCHMANN, Micael; KISCHINHEVSKY, Marcelo; MARCHI, Leonardo de. A consolidação dos serviços de streaming e os desafios à diversidade musical no Brasil. **Revista Eptic**, Vol. 20, no 1, jan-abr. 2018, p.25-42. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwjIm>

8jI17b8AhWiq5UCHbKQCV4QFnoECA8QAQ&url=https%3A%2F%2Fseer.ufs.br%2Findex.php%2Fteptic%2Farticle%2Fdownload%2F8578%2F6832%2F&usg=AOvVaw0_aGnx2vaqm3k-In5aHnoJ. Acesso em: 14 de março de 2022.

MACEDO, Ana Clara Barbosa et al. O Podcast Como Ferramenta Jornalística. In: Congresso De Ciências Da Comunicação Na Região Sudeste, 17., 2012, Ouro Preto. Anais [...]. Ouro Preto: **Intercom**, 2012. p. 1-11. Disponível em: <https://docplayer.com.br/82646175-O-podcast-como-ferramenta-jornalistica-1.html>. Acesso em: 16 de março de 2022.

SANTANA, Chico. O Samba e o Carnaval Paulistano. **Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo**, no 40, fev. 2010. Disponível em: <http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao40/materia06/texto06.pdf>. Acesso em: 20 de ago de 2022.

OBA, Juliana. 7 podcasts criados por bauruenses para ouvir já, **Social Bauru**, 2021. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwj71J-O2Lb8AhWrq5UCHR6dBUkQFnoECA8QAQ&url=https%3A%2F%2Fwww.socialbauru.com.br%2F2021%2F01%2F13%2F7-podcasts-criados-por-bauruenses-para-ouvir-ja%2F&usg=AOvVaw3Otqrhkh-MwillhgLIKtz3t>. Acesso em: 1 de set. de 2022.

OLIVEIRA, Catarina Tereza Farias de. **Escuta Sonora, Recepção e cultura popular nas ondas das rádios comunitárias**. Editora E-papers, 2007.

OLIVEIRA, Denis; SOUZA Juliana S.; MORAES Maíra Carvalho.; CAIRES, Mariana de Sousa. **Periferias Insurgentes: Ações Culturais de Jovens nas Periferias de São Paulo**, Instituto de Estudos Avançados, 2021, p 54. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/publicacoes/ebooks/periferias-insurgentes>. Acesso em: 3 de julho de 2022.

Redação Solutudo Bauru, A história do Sambódromo de Bauru vai te surpreender, História da Cidade, Solutudo - A cidade em detalhes, 2020. Disponível em: <https://conteudo.solutudo.com.br/bauru/historias-da-cidade-bauru/a-historia-do-sambodromo-de-bauru-vai-te-surpreender/>. Acesso em: 2 de set. de 2022.

ROCHA, Everaldo. **Jovens na Cena Metropolitana. Percepções, Narrativas e Modos de Comunicação**. Paulinas 2009.

STEFFENS, Jan, DANTAS, Suene de Souza. Luhmann, Lotman e o problema da fronteira: uma reflexão teórico-crítica em torno das categorias de inclusão e exclusão. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 50, n. 2, p. 354-374, jul-dez 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/319061740_Luhmann_Lotman_e_o_problema_da_f

ronteira_uma_reflexao_teorico-critica_em_torno_das_categorias_de_inclusao_e_exclusao/. Acesso em: 8 de junho de 2022.

VICENTE, Eduardo. Gêneros e formatos radiofônicos. **NCE-Eca/USP** São Paulo, v. 1, n. 1, p. 1-4, dez. 2005. Disponível em: <http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/61.pdf>. Acesso em: 17 de março de 2022.

APÊNDICE A – PAUTA 1

Retranca e título	Artistas com atuação na periferia de Bauru
Tema/Histórico/Sinopse	<p>Bauru possui cultura musical dentro de sua periferia, há bailes funk, batalhas de rima e rodas de samba nessa localização. A ideia é mostrar a cena da produção autoral da música feita na periferia de Bauru por meio da localização e revelação dos artistas dos ritmos funk, rap e samba. Assim como trazer a visão de quem acompanha essas manifestações.</p>
Enfoque/Encaminhamento	<p>Como a busca é revelar esses artistas, a ideia é mostrar o que trouxeram eles para o meio da música, por que produzem, o que os motivam, suas histórias de vida dentro do meio, quais os problemas e por que permanecem no ramo musical. Também é necessário buscar o público que os prestigia para trazerem seu ponto de vista a respeito desse tipo de manifestação.</p>
Fontes (TODAS) Rap: Dom Black Amaranta 014	<p>Artistas dos ritmos recortados que possuem música autoral e são de origem/residentes de periferia em Bauru e ainda podem atuar nesse espaço.</p>

<p>Mc Zoio Baixo</p> <p>Funk: Mc Coruja M'Silva Mc Bley</p> <p>Samba: Jô Moura Grupo Nosso Esquema Lemão, do Grupo Sambadores</p> <p>Público presente nos eventos que esses artistas comparecem</p>	
<p>Sugestões de Perguntas</p>	<p>Aos grupos e artistas:</p> <p>Qual seu nome completo, idade em que bairro morou e mora em Bauru?</p> <p>Como surgiu seu nome artístico?</p> <p>Como você começou no meio da música?</p> <p>O que o motivou a entrar nesse meio e o que te faz permanecer?</p> <p>O que quer transmitir em suas letras? Do que elas falam? Qual o objetivo?</p> <p>Quais são as dificuldades?</p> <p>O que impede que o seu som ganhe mais amplitude? O que impede que mais gente prestigie, goze?</p> <p>O que você enxerga como particular na sua produção?</p>

	<p>Você se sente seguro para manifestar sua arte? Os ambientes são seguros? Como funciona para entrar nesses espaços?</p> <p>Ao público</p> <p>Qual seu nome completo e em que bairro mora em Bauru?</p> <p>O que te faz querer estar nesse tipo de espaço? Se sente acolhido?</p> <p>O que você gosta nesse estilo de música? A letra? O ritmo?</p> <p>Você se sente representado por artistas de Bauru?</p> <p>O que te faz ou faria ouvir artistas desse estilo que são de Bauru?</p> <p>Você apoia os artistas locais?</p> <p>Você acredita que os artistas daqui são diferentes de outros locais?</p> <p>Você se sente seguro nesse tipo de ambiente?</p>
<p>Recursos Complementares</p>	<p>Captação de áudios de músicas autorais gravadas dos artistas ou até mesmo captação orgânica desses artistas/grupos se apresentando.</p> <p>Comparecer nos eventos que esses artistas se apresentam e entrevistar o público.</p>

APÊNDICE B – PAUTA 2

Retranca e título	Consumidores que divulgam e promovem
Tema/Histórico/Sinopse	Bauru possui divulgadores e propagadores da cultura musical ouvida dentro das periferias de Bauru. No recorte abordado (funk, rap e samba), temos o Baile do Will e Baile da 13 atuando como disseminadores do funk. A Batalha dos 13 como um dos espaços para os rappers locais, e a página “Pagode Bauru” como um meio conhecido para acesso de informações sobre samba e pagode em Bauru
Enfoque/Encaminhamento	A ideia é trazer os organizadores para o foco, questionar o por que de engajarem esse tipo de manifestação cultural.
Fontes (TODAS) Baile do Will -Dj Will Baile da 13 - Adrian Pereira Batalha dos 13 - Mc Zoio Baixo Professora Kelly	Dj Will é organizador do Baile do Will, muito conhecido em Bauru durante as viradas de ano. Adrian participa da organização do Baile da 13. Zoio baixo é o fundador da Batalha dos 13 que possui um nome marcante na região bauruense. Professora Kelly participa de um projeto que promove rodas de samba nas periferias de Bauru.

	<p>Professora Kelly:</p> <p>Como surgiu o projeto? O que ele busca? Quais barreiras são observadas? Há dados sobre os grupos dentro desse espaço? O que a cultura na periferia de Bauru se diferencia? Como é o cenário de produção e consumo de música em Bauru?</p> <p>Pagode Bauru:</p> <p>Qual seu nome completo, idade em que bairro morou e mora em Bauru? Como surgiu a página? O que incentiva a continuar divulgando? Como enxerga a cena do samba/pagode em Bauru?</p> <p>Ao Secretário:</p> <p>Como a secretaria de cultura pode abraçar esses movimentos culturais? Como a secretaria pode resolver os problemas apontados pelos artistas e população como falta de apoio estrutural e de recursos? Como a secretaria pode conversar com a segurança pública da cidade para resolver o problema da violência?</p>
<p>Recursos Complementares</p>	<p>Talvez haja a necessidade de sigilo de fonte entre os organizadores do Baile da 13 e do Will, por conta da questão de segurança</p>

APÊNDICE C – AGENDA DE ENTREVISTAS PRESENCIAIS

11/10, terça-feira as 18h - M'Silva em sua residência.

12/10, quarta-feira as 18h - Jo Moura em sua residência.

12/10, quarta-feira as 19h - Público do Nosso Esquema no Pagode do Complexo do Mary Dota.

13/10, quinta-feira as 20h - Público do rap na Batalha do TV X THZ.

13/10, quinta-feira as 23h - Público do Baile do Will, na tabacaria do Will.

14/10, sexta-feira as 18h - Mc Bley em sua residência.

15/10, sábado-feira as 00h - Público do M'Silva na Summer Palace.

15/10, sábado-feira as 15h - Mc Zoio Baixo no semáforo onde trabalha

15/10, sábado-feira as 22h - Público da Jô Moura no Gabriels Bar.

17/10, segunda-feira as 18h - Dom Black na Praça do Nova Esperança.

17/10, segunda-feira as 20h - Mc Coruja na Praça do Nova Esperança.

18/10, terça-feira as 15h - Dj Will em sua tabacaria.

19/10, quarta-feira as 19h - Bruno Fernando e Jean Marino, na residência de Bruno.

20/10, quinta-feira as 20h - Amarantha 014 em sua residência.

28/10, quarta 15h - Lemão, do Sambadores Bauru, em sua residência.

31/10 segunda-feira as 20h - Adrian, Baile da 13, em sua residência.

1/11, terça-feira as 19h - Tom e Toko Nosso Esquema antes do show no Sams Club Bar.

4/11, sexta-feira as 17h - Kelly coordenadora do Samba na Cidade, na Unesp.

9/11, quarta-feira as 9h30 - Paulo Eduardo Campos, Secretário Municipal de Cultura, na própria secretaria.

APÊNDICE D – ROTEIRO 1

Programa: Goela Abaixo
 Repórter: Rafaela Monteiro
 Retranca: Dificuldades para que os artistas e a música autoral possam se manter
 Episódio: 1
 Título: Insistência
 Tempo: 23''37'

VINHETA DE ABERTURA - Beat M'Silva - Acabou a Farra
 8'

LOC: Salve Bauru! Eu sou a Rafa Monteiro e está começando a série de reportagens Goela Abaixo!

LOC: Durante três episódios, irei prosear com vocês sobre a cena musical na periferia bauruense em que três ritmos musicais se destacam

LOC: O funk

Mc Bley - Saca as de 100
 10'

LOC: O rap

Mc Zoio Baixo - Minha Origem Eu Não Esqueci
 14'

LOC: E o ritmo do coração da cidade, o samba!

Jo Moura - Mandinga -
 11''

SOBE E DESCE BG ' - Instrumental - Jo Moura - Mandinga

8'

Loc: Historicamente, o funk, o rap e o samba nunca foram recebidos de braços abertos e de bom grado, talvez porque os três tenham seu berço na periferia geográfica, cultural e social das cidades.

Loc: Os três ritmos surgiram nos subúrbios, sempre conduzidos por pessoas marginalizadas, em sua maioria pretas.

Loc: Elas lutaram para que sua arte fosse reconhecida e valorizada. Assim, apesar da resistência, a sociedade foi obrigada a engolir, muito a contragosto, os ritmos e toda a cultura que os cerca.

Loc: E é desse jeito que artistas, eventos e iniciativas que têm o rap, o funk e o samba como protagonistas vêm ocupando e mantendo seu espaço em Bauru, rompendo à má-vontade, a violência e a discriminação social.

Loc: A ideia deste trabalho é trazer por meio de reportagens, um panorama da cena da cultura musical na periferia de Bauru.

Loc: Como essa pauta raramente aparece nos veículos tradicionais, a série de reportagens vai mostrar tanto a correria dos artistas quanto do público que fortalece os movimentos.

Loc: Nesses três episódios serão abordadas as dificuldades que essa cena carrega e o amor que faz as pessoas continuarem nela.

Loc: Nessa primeira reportagem, batizada de Insistência, tratarei da realidade dos músicos e organizadores de eventos que lutam pelo direito de existir e pelo fortalecimento da cena cultural periférica.

Loc: Essa perseverança leva a sociedade a ter de... digamos.... engoli-los, muitas vezes a contragosto, goela abaixo.

Mc Bley - Nave Linda

15''

SOBE E DESCE BG - Beat Mc Bley Nave Linda

5'

Loc: Se pra emplacar um podcast já é difícil, meus amigos... imagine uma música autoral!

Loc: Mais ainda, uma música autoral que é produzida por pessoas que não têm TANTA grana pra investir em produção e divulgação.

Loc: Dessa dificuldade sabe bem o Marcos Vinícius, o Mc Bley, um garoto bauruense de apenas dezenove anos, que ingressou no universo do funk ao escrever sobre uma decepção amorosa.

Loc: O que era para ser um desabafo sobre o amor despertou a paixão pela composição. Hoje, o jovem morador do bairro Residencial Colina Verde tem muitas canções, mas apenas DEZ músicas foram lançadas até agora.

Sonora 1 - MC Bley

De... Eu tenho música putaria...

Até... empresário

41'

Loc: Apesar de MC Bley ser autocrítico a respeito de sua própria dedicação à carreira, a falta de investimento é uma das mais comuns dificuldades enfrentadas pelos músicos locais.

Loc: Faz parte também da realidade deles a necessidade de conciliar o trabalho artístico com outros empregos, ou conseguir pagar as contas se torna uma missão impossível.

Loc: Isso se reflete no tempo que o artista tem para se dedicar exclusivamente à arte.

Loc: No momento, MC Bley trabalha num órgão público, fazendo a pesagem de carga de caminhões. A música, para ele, AINDA não é rentável.

Sonora 2 - Mc Bley

De... Eu sinto que eu poderia tá fazendo mais...

Até... luz

39'

Ele fala que acha que poderia estar fazendo mais e se cobra muito por isso. Ele acha que por isso ele não estourou ainda também. Ele disse que se ele fosse uma pessoa rica ele estaria estourado no Spotify mas não saberia falar da realidade de quem veio do mesmo lugar que ele. Ele disse que já passou fome, e se em casa ele não ajuda, uma hora vai faltar água, luz

Amaranta 014 - Jazz de Março

13'

SOBE E DESCE BG - Beat - Amaranta 014 - Jazz de Março

5'

Loc: Samara Silva é uma rapper e poeta de vinte e dois anos e moradora da ocupação no Jardim Nova Bauru.

Loc: Ela iniciou sua carreira dentro do movimento hip hop primeiramente na poesia e depois partiu para o rap.

Loc: Seu nome artístico é Amaranta 014. Amaranta vem de Amarante, uma homenagem que ela fez à avó, que perdeu o sobrenome de nascença quando se casou.

Loc: Ao virar rapper, Amarante passou para o feminino e virou Amaranta.

Loc: O nome para ela significa: "flor que nunca morre".

Loc: O 014 do nome tem a ver com referência à cidade, já que o DDD da área de Bauru é 14.

Loc: Como ela não tem grana para investir em mídias e, assim, proporcionar mais espaço para a difusão de sua música, deposita fielmente sua esperança no impulsionamento espontâneo, a ser feito por pessoas da mesma origem que ela.

Sonora 1 - Amaranta

De... Eu acredito que o impulsionamento na mídia difere em tudo...

Até... o impulsionamento, mais ainda

43'

Loc: Se receber investimento empresarial é incerto e ganhar engajamento nas mídias sociais é difícil, como funciona a mais antiga alternativa de divulgação, ou seja, o boca a boca?

Loc: Nisso, a sambista Jô Moura, dá a voz.

Jô Moura - Samba de Bauru 20'

SOBE E DESCE BG - Instrumental - Jô Moura - Samba de Bauru

5'

Loc: A compositora e intérprete Jo Moura tem trinta e oito anos e uma década de carreira. Desde o início da pandemia, porém, está desempregada, o que torna seu cotidiano bastante difícil, pois não consegue viver apenas de música.

Loc: A sambista com um pé no movimento hip hop iniciou sua trajetória no samba pela vertente religiosa do candomblé.

Loc: Nesses dez anos de carreira, tem encontrado grandes dificuldades para divulgar seu trabalho, assim como a maior parte dos artistas autorais como ela.

Loc: Segundo Jô, o fato de o poder público não criar ou incentivar espaços é uma forma de barrar o crescimento da produção fora do mainstream.

<p>Sonora 1- Jô Moura De... Realmente existe um controle... Até...sensualidade, sexualidade 32'</p>
--

Loc: A falta de dinheiro próprio ou de investimento empresarial, a dificuldade de emplacar nas mídias sociais e os poucos espaços públicos para divulgação de sua arte são barreiras enfrentadas pelo músico local.

Loc: Até mesmo quem investe em covers em bares e baladas sente medo de expor suas produções, quando se arrisca a cantar uma música própria no meio da apresentação.

Loc: O receio é de quebrar o clima do show e a ligação com o público, já que ele terá de ouvir uma música que não conhece.

Loc:O inesperado nem sempre agrada, sabe bem, o Anderson D' Paula, mais conhecido como Lemão.

<p>Anderson de Paula - A Vida Foi Feita Pra Viver 10'</p>
--

<p>SOB E DESCE BG - Instrumental - A Vida Foi Feita Pra Viver 6'</p>

Loc: Lemão tem vinte e seis anos de carreira e faz parte do grupo de samba Sambadores.

Loc: Ele diz cantar TANTO as músicas de outros artistas que acaba se esquecendo de inserir uma ou outra criação sua, para o público conhecer.

Sonora 1 - Lemão

De... Eu tenho as músicas...

Até...continuidade

39'

Loc: Os artistas ressaltam o papel da esfera pública no incentivo à cultura na periferia. Paulo Eduardo Campos assumiu a secretaria municipal de cultura em primeiro de novembro de 2022. Com nove dias no cargo, conversou comigo para esta reportagem

Loc: Como ele estava havia menos de dez dias na função, não foi possível abordar as ações já realizadas em sua gestão, mas deu para questioná-lo sobre as metas da pasta.

Loc: Sobre a falta de espaços e eventos dedicados aos artistas autorais do rap, do funk e do samba na cidade, Campos lembra da semana do hip hop, mas reconhece que um evento só é muito pouco e que, no caso do funk e do samba, não há sequer uma única atividade.

Loc: Por isso, ele propõe os caminhões-palcos como uma alternativa de promoção do trabalho autoral nos bairros e pede aos artistas que o procurem para viabilizar a proposta.

Sonora 1- Secretário Municipal de Cultura

De...Claro que também a gente pede...

Até...muitos pedidos

41'

Loc: Sobre a realização de festivais autorais, nos quais o artista é pago para cantar suas próprias músicas, o secretário diz não ter nada planejado.

Loc: Todavia, acha viável abraçar a ideia para o ano de 2023.

Sonora 2 -Secretário Municipal de Cultura

De... Eu acredito...

Até... aberta

37'

Loc: O secretário entende que a falta de acessibilidade e a burocratização nos editais de incentivo à cultura são fatores que dificultam a participação da população e dos artistas mais carentes.

Sonora 3 - Secretário Municipal de Cultura

De... Eu sei...

Até... comunicação, eu acho

25'

Loc: Me perdoem a voz rouca, mas quando sugiro ao secretário de cultura uma maior acessibilidade nos editais, ele concorda, mas não se compromete a nada.

Sonora 4 - Secretário de Cultura

43'

De... Você mesmo exemplificou

Até... não tem

SOBE BG - Malandragem - Quincas Moreira por 4' e DESCE BG após mais 4'

Loc: Um ritmo musical não se consagra apenas com os artistas locais divulgando as músicas no mainstream.

Loc: Em Bauru, as rodas de samba, os bailes funk e as batalhas de rima são eventos em que o público se reúne para curtir os artistas e ritmos queridos e também são espaços para espalhar a arte.

SOBE BG - Vinheta instrumental Pagode Bauru por 3' e DESCE BG após mais 2'

Loc: Pro povo da periferia, o samba acontece nas rodas e elas são promovidas quase sempre nos bares ou nos disks, que são geralmente chamadas as lojas de conveniência ou distribuidoras de bebidas nos bairros.

Loc: Nesses disks, o dono do comércio contrata o grupo pra se apresentar em busca de atrair mais clientela.

Loc: Como a roda de samba já é paga por ele, a população do bairro se aglomera e se reúne para curtir a música de forma gratuita.

Loc: O público chega a se expandir e ocupar a rua, já que o gasto dentro do disk tem valores acessíveis por ser na própria quebrada e é opcional.

Loc: Se não é o barzinho ou o disk pagando os músicos, a roda de samba não acontece.

Loc: Uma alternativa é o caminhão- palco, citado pelo secretário municipal de cultura.

Loc: O caminhão é um projeto criado lá em 1985, que busca descentralizar as atividades culturais, visto que nem todo mundo tem facilidade de deslocamento para participar em eventos na área central da cidade.

Loc: Conhecido como um dos maiores projetos de amplitude popular da Casa de Cultura, ele pode ser um espaço para divulgação dos artistas. Porém, o caminhão acaba sendo insuficiente para alavancar a produção e o próprio trabalho dos músicos, caso eles não sejam remunerados.

Loc: É o que explica o sambista e pagodeiro Bruno Fernando, de trinta e três anos. Ele é um dos três organizadores do Pagode Bauru, que tem página no Instagram e podcast.

Loc: O Pagode Bauru é o portal dos pagodeiros. Por meio da página do Instagram há uma agenda cultural que divulga rodas e shows de samba e pagode que ocorrem pela cidade.

Loc: Tem transmissões de livres ao vivo das apresentações dos grupos por aí, e uma pitada de bom humor com memes que só quem gosta de samba e pagode entende.

Loc: Já o podcast Pagode Bauru é um programa transmitido no Youtube que busca trazer as histórias do samba e pagode, por meio de uma conversa descontraída com os músicos.

Loc: Segundo Bruno Fernando, bares e disks são a única opção de promoção do trabalho que os grupos sem recursos têm.

Loc: Assim como uma das poucas opções de lazer e possibilidade de acompanhar os artistas que as comunidades mais humildes conseguem acessar.

Sonora Bruno1 - Pagode Bauru

De... Sempre é o barzinho do tiozinho

Até... e assim vai acontecendo

40'

Loc: Por falar no bairro Ferradura Mirim, na zona leste da cidade, é lá que acontecia o Baile da 13.

Mc N5 - Baile da 13

15'

SOBE E DESCE BG - Beat MC N5 - Baile da 13

5'

Loc: Assim como uma roda de samba na periferia surge geralmente porque um disk promoveu, também no caso dos bailes funks de rua ou fluxos, como são conhecidos, pode ser esse o início de tudo.

Loc: Foi assim com um dos mais conhecidos de Bauru. O Baile da 13 surgiu em 2019, durou o ano inteiro e acontecia todo final de semana, na Rua 13 do bairro Ferradura Mirim, parando só com o início da pandemia, em 2020.

Loc: Quem conta a história é um dos organizadores, Adrian Pereira, de dezenove anos, nascido e criado no bairro Ferradura Mirim.

Sonora 1 - Adrian

De... O disk Tubarão

Até... conhecido em Bauru inteiro

16'

Loc: O disk Tubarão ofereceu a primeira degustação, mas quem fez o banquete continuar a ser servido foi o Adrian.

Loc: Em 2021, o baile retornou de sua pausa pandêmica, acontecendo a cada quinze dias. Contudo, devido a um abaixo assinado gerado por reclamações de barulho da vizinhança, o evento na rua não ocorreu mais.

Loc: Até o fim da festa ser decretado, Adrian rachava o valor do aluguel das caixas de som com outros organizadores, para que o baile continuasse ocorrendo, assim como faz na promoção de outros fluxos.

Loc: A expectativa agora é fazer o baile continuar, nem que seja só no Natal e no Ano Novo.

Loc: E é assim também no meio do movimento hip hop, que tem o rap como ritmo musical, mas não se resume a ele, o Hip Hop engloba também o grafite, a discotecagem e a arte da rima pelos mestres de cerimônia ou MCs.

Loc Para que as batalhas de rima aconteçam, por exemplo, é necessário que os próprios organizadores arquem com as despesas. É o que diz o Mc Zoio Baixo.

Mc Zoio Baixo - Dois Lados da Moeda

16'

SOBE E DESCE BG - Beat Mc Zoio Baixo - Dois Lados da Moeda

3'

Loc: Gabriel Barbosa, mais conhecido como Mc Zoio Baixo, tem vinte e quatro anos e é um dos condutores da Batalha dos 13. A renda para as despesas do cotidiano, Zoio Baixo tira de fazer malabarismo nos semáforos.

Loc: Ele trouxe a batalha de sua cidade natal, Avaré, para Bauru, e, como mestre de cerimônias, fortalece outras batalhas, além de promover a dos 13.

Loc: Para ele, quem escolhe fortalecer a arte já sabe que será perrengue.

Sonora 1 - Mc Zoio Baixo

De... Eu acredito

Até... atrapalhar

22'

Loc: O que seria o não atrapalhar?

Loc: Os artistas e organizadores envolvidos na música local e com atuação na periferia e nas favelas de Bauru passam por um contínuo processo de INSISTÊNCIA.

Loc: Eles insistem em arranjar tempo para continuar com suas criações autorais.

Loc: Insistem em produzir cultura, mesmo tendo que conciliar com outros trabalhos.

Loc: Insistem em abraçar trabalhos covers, enquanto o autoral não é desejado pelo mercado.

Loc: Insistem em correr atrás de recursos ou se valerem do próprio dinheiro para manter os eventos e os movimentos.

Loc: Tem até quem já insistiu no tráfico pra não ter de abandonar o sonho de fazer música, mas foi libertado pela própria arte.

Loc: Na próxima reportagem, você vai entender o porquê de o samba, o rap e o funk, além de frutos da insistência, serem também RESISTÊNCIA no cenário da cultura musical periférica em Bauru.

VINHETA DE ENCERRAMENTO - Beat M'Silva - Acabou a Farra

14'

APÊNDICE E – ROTEIRO 2

Programa: Goela Abaixo
Repórter: Rafaela Monteiro
Retranca: O racismo e a violência policial na contramão da arte
Episódio:2
Título: Resistência
Tempo: 21''44'

VINHETA DE ABERTURA Beat - Dom Black Part Thigor Mc Praga do Século
10'

Loc: Salve Bauru! Rafa Monteiro na voz e este é o segundo episódio do Goela Abaixo.

Loc: Vocês já entenderam a pegada das reportagens, né?

Loc: Tô aqui pra passar a real da cena musical na periferia de Bauru, em que o samba, o rap e o funk dão a letra e o ritmo.

Loc: E é nas quebradas que se produz e consome

Loc: O rap

Dom Black Part Thigor Mc Praga do Século
10'

Loc: O samba!

Nosso Esquema - Resolvi Mudar
11'

Loc: E ritmo dos fluxos, o funk!

Mc Coruja - Brinde a Liberdade
12'

SOBE DESCE BG - Beat Mc Coruja - Brinde a Liberdade

5'

Loc: No episódio anterior, o MC Zoio Baixo falou que o movimento hip hop sempre foi um símbolo de resistência.

Loc: A cultura hip hop contempla as artes plásticas, que é o grafite, a dança, que é o break, a discotecagem, feita pelos djs, e o rap, a música do movimento que é um dos ritmos abordados nesta série de reportagens.

Loc: O rap é uma palavra formada pelas iniciais ritmo e poesia.

Loc: No Brasil, os “bailes black” da década de 70 foram os disseminadores dos movimentos hip hop e funk, tendo os artistas pretos e as comunidades mais pobres como protagonistas.

Loc: Com o tempo, esses dois estilos musicais foram assumindo características próprias, mas permanecem completamente ligados à luta antirracista.

Dom Black- Blackteria

18'

SOBE E DESCE BG Beat - Dom Black – Blackteria

5'

Loc: E aí chego no ponto principal deste segundo episódio da série Goela Abaixo.

Loc: Como as pessoas que exercem sua arte, alinhadas ou não com esses movimentos, se sentem a respeito da segurança para vivenciar a arte? Já que os produtores de samba, o funk e hip hop, sempre foram perseguidos, de acordo com a história.

Loc: Júlio Cesar, de nome artístico Dom Black, é um rapper de trinta e nove anos, preto e morador do Jardim Nova Esperança, na zona noroeste da cidade. Ele diz que não tem papas na língua para falar a verdade vivida por ele, carregada de racismo.

Loc: Apesar de ser um dos nomes mais conhecidos do rap na região, ele NEGA se sentir seguro devido às denúncias nas letras de suas músicas, porém, para Dom Black, o que importa é deixar o legado.

Sonora 1 - Dom Black

De... Não

Até... marca

12'

Loc: Dom Black revela que, mesmo sendo um homem preto e cantor de rap, não recusa estar com as pessoas, mesmo que elas sejam estranhos.

Loc: Na sua visão, todos que sofrem racismo e machismo estão com um alvo nas costas, prontos para serem mortos.

Loc: Para Dom, nem a polícia nem o crime o protegem, o que o mantém vivo é Deus.

Sonora 2 - Dom Black

De...Putz, falar de segurança é complicado...

Até...lugar seguro não tem

30'

Loc: E essa ausência de uma proteção efetiva para viver e também para exercício da arte não é particular do rap, que historicamente, faz denúncias sobre os problemas presentes na sociedade.

Loc: Na verdade, o problema é o vínculo com a cultura negra. Por isso, os sambas que cantam sobre amor também sofrem repressão.

Nosso Esquema - Por ter você

20'

SOBE E DESCE BG Instrumental - Nosso Esquema - Por ter você

5'

Loc: O samba é um ritmo brasileiro originário das comunidades afro-brasileiras do século vinte.

Loc: Samba é sinônimo de alegria, ainda mais se o ritmo estiver associado ao carnaval. Mas também é sinônimo de RESISTÊNCIA, por ser a música originariamente dos pretos e pobres.

Loc: Bauru foi a segunda cidade do Brasil a ter um sambódromo de carnaval, em 1990. O espaço para os desfiles foi uma conquista de sambistas e carnavalescos, que mostraram sua força como organização e movimento.

Loc: Com isso, não dá pra negar a força que esse movimento tem na cidade, o que justifica a diversidade de músicos mergulhados nessa cultura.

Loc: O grupo Nosso Esquema, por exemplo, tem 18 anos de carreira, e é um dos nomes mais relevantes quando se trata de pagode em Bauru. Contudo, não está imune à repressão contra a cultura negra.

Loc: No dia oito de agosto de 2022, o grupo tocou num disk na Alameda Saturno, no Parque Santa Edwiges, bairro da região noroeste.

Loc: Por causa de uma confusão, a polícia apareceu e dispersou o público à base de bomba de gás lacrimogênio. Sobrou até para músicos.

Loc: Wellington Custodio, mais conhecido como Tom, é o vocalista desde que o grupo foi criado, quase vinte anos atrás. Segundo ele, nas comunidades, o ambiente fica mais propício à ocorrência de confrontos

Sonora Tom 1 - Nosso Esquema

De... É um evento na rua

Até... é normal

24'

Loc: Gente, apesar do bom humor de Tom ao lembrar a situação, falar pra vocês, eu tava lá no dia e não foi nada legal correr da polícia. Poxa, o pagode tava tão bom...

Loc: Ele também diz que se sente seguro em tocar em qualquer lugar, pois o grupo Nosso Esquema é uma marca com a regulamentação em andamento.

Sonora Tom 2 - Nosso Esquema

De... É num bar, é numa casa de show...

Até... o medo deles é isso

37'

Loc: Bruno Fernando, um dos condutores do podcast e página do Instagram Pagode Bauru, diz que já foi a incontáveis pagodes e sambas na periferia em que a polícia apareceu, geralmente ‘tocando o terror’

Loc: Ele se refere às ideias de interseccionalidade que, assim como por outros autores, também foi trabalhada pela filósofa e antropóloga brasileira Lélia Gonzalez.

Loc: Basicamente, não tem como falar de determinada opressão de maneira isolada. Ela precisa ser interseccionada, ou seja, interligada com outras violências.

Loc: Por exemplo, uma pessoa preta sofre racismo, correto? Agora, e se for uma mulher negra? Ela vai sofrer o racismo, mas também sofrerá machismo, interseccionado às questões de raça.

Loc: Ou seja, no caso da violência praticada na periferia, as pessoas sofrem a violência de classe, por ser no ambiente de quebrada, e o racismo, juntos. O que intensifica a frequência.

Loc: Assim, não importa que os membros do grupo de pagode Nosso Esquema tenham documentos pessoais e a banda atue de acordo com a legislação, quando realiza shows e participa de eventos.

Loc: Se o grupo tocar na periferia, os músicos serão maltratados juntamente com o público, simplesmente por serem negros e por estarem tocando na comunidade, ela também negra e vulnerável.

Loc: De acordo com Bruno Fernando, trata-se de um peso e duas medidas: se o pagode é nas regiões mais abastadas de Bauru, a atmosfera é uma; se é no Beija Flor, um dos bairros da periferia em que as rodas são mais tradicionais, a abordagem das forças de segurança é totalmente outra.

Sonora 1 - Bruno Fernando, Pagode Bauru

De... O samba é resistência...

Até... isso deveria ser o contrário

43'

Loc: O parceiro de Bruno Fernando no Pagode Bauru, Jean Marino, também tem memórias de violência.

Sonora 1 - Jean Marinho

De... Eu já fui num pagode do grupo Morada...

Até... são questões culturais que não vão mudar

53'

Loc: Para a professora Kelly Cristina Magalhães, que coordena na Unesp Bauru o projeto Samba na Cidade, é possível delinear o território em que a violência acontece.

Loc: Abaixo da Avenida Duque de Caxias, região do Gabriel's Bar, por exemplo, é onde está o samba bom, o que se traduz no samba preto. Os eventos nessa região estão sempre mais expostos à ação policial.

Loc: Para cima da Duque de Caxias, onde ficam estabelecimentos como o Bar Bamba e os dos altos da cidade, está o samba branco, que nunca vai ser abordado de forma opressiva pelas forças de segurança.

Loc: A professora Kelly também enfatiza que ser alvo da abordagem da polícia não é exclusividade dos eventos de samba.

Sonora 1 - Professora Kelly

De... Não é possível gente entender o povo brasileiro...

Até... ligados a cultura negra

33'

Mc Coruja - Quebrei A Banca

11'

SOBE E DESCE BG - Mc Coruja - Quebrei A Banca

9'

Loc: Desde o primeiro episódio desta série de reportagens eu venho dizendo que o samba é o coração da cultura musical periférica em Bauru, pois é dele que pulsam as outras manifestações, como o rap e o funk.

Loc: Afinal, por mais que artistas na cidade tenham se dedicado a outros ritmos, a iniciação musical de praticamente todos eles se deu no samba.

Loc: E o problema da violência e da insegurança está presente em qualquer dos momentos da trajetória como artista da periferia envolto na cultura negra.

Loc: Esse é o caso, por exemplo, de Felipe Adão, o MC Coruja. Ele se sente constantemente vulnerável, não importa o ritmo que esteja tocando ou consumindo.

Sonora 1 - Mc Coruja

De... Não...

Até... artista independente

19'

Loc: A resistência também é uma bandeira que o DJ de funk William Viana busca empunhar. Nascido e criado no Parque Jaraguá, é ele quem comanda o tradicional baile funk de rua de Natal e Ano Novo, o Baile do Will.

Som orgânico do Baile do Will

16'

SOBE E DESCE BG Beat Mc Kitinho - Medley dos Fluxos

6'

Loc: Will trabalha como dj de funk e durante as festas de fim de ano organiza o baile de rua mais conhecido de Bauru, que recebe seu nome.

Loc: Com muito bom humor, ele diz que nem se lembra há quanto tempo faz o rolê acontecer. Desconfia que foi entre 2008 e 2010 a primeira vez em que realizou o evento.

Loc: Wil conta que, na ocasião, apenas colocou as caixas de som na rua e povo foi chegando e chegando.

Loc: A iniciativa se repetiu outras vezes e assim, o fluxo na rua se tornou famoso. Tempos depois tentou regularizar o evento, mas acabou deixando de lado por causa da burocracia. Até hoje, portanto, o evento é ilegal.

Loc: Will diz que sua maior preocupação quando faz o baile é com o risco de repressão ou violência policial. Segundo ele, o preconceito com as manifestações culturais na periferia é tamanho que todos os que estão num espaço com funk são mal-vistos.

Sonora 1 - Dj Will

De... Muita gente fala que funk é só vagabundo...

Até...bagulho é louco

36'

Loc: Engana-se quem acha que a repressão policial só ocorre em eventos com grandes aglomerações, como bailes funk ou rodas de samba e pagode. Dentro das batalhas de rima, a realidade não é nada diferente.

Sonora orgânica Batalha THZ

18'

Loc: Encontrei o poeta e estudante de história Vinicius Thomas, o Vinão Mandinga, na Batalha do THZ, que acontece lá na Praça do Spani e no Jardim TV.

Loc: Assim como o Mc Coruja, o jovem bauruense teve seu primeiro contato com a música no samba, mas onde se sentiu realmente abraçado foi no hip hop.

Loc: Ele afirma que as aglomerações não são um problema e sim o racismo.

Sonora 1 - Vinão Mandinga

De... No Vitória Régia

Até... mais vezes

34'

CORTINA - Som de tiros

4'

Loc: A violência policial existe, contudo, os policiais que a praticam muitas vezes apenas seguem ordens.

Loc: Com isso em mente, questionei o novo secretário de cultura, Paulo Eduardo Campos, sobre como a secretaria

Loc: Jo é uma artista versátil, e principalmente AUDACIOSA. Porque, por mais que ela tenha sofrido muito com a de cultura poderia conversar com os responsáveis pela segurança pública na cidade.

Loc: Afinal, as manifestações culturais deveriam ser acolhidas pelo Estado e não repelidas e reprimidas por ele.

Loc: O secretário, então, diz que a comunicação deve ser mais estreita entre a Secretaria e os organizadores e artistas.

Sonora 1 - Secretário Municipal de Cultura

De... Claro que a gente vai ajudar, sou super a favor dos bailes...

Até... tudo conversado antes a gente consegue fazer sim

55'

Loc: De acordo com o secretário de cultura, o alvará que os disks possuem é para o exercício da função comercial, não para a realização de shows e outros eventos. Por isso, a polícia sempre aparece para acabar com tudo, como nas rodas de samba.

Sonora 2 - Secretário Municipal de Cultura

De... Esse alvará...

Até... essa violência não tem que ter

32'

Loc: Conte a Paulo Eduardo Campos que o DJ Will Viana tentou legalizar o Baile do Will, mas não obteve sucesso.

Sonora 3 - Secretário de Cultura

De... Eu entendo isso, que a polícia já chega com um olhar diferente...

Até... todos e sem exceção

52'

Loc: Ih gente, vocês viram que se eu quiser vazar o contato da secretária do próprio secretário de cultura, ele não vai poder reclamar, né?

CORTINA - Som de um único tiro

1'

Loc: Os movimentos ligados à cultura preta resistem.

Loc: O samba, o hip hop, o rap, o funk, resistem.

Loc: Resistem à opressão policial, resistem ao racismo, resistem à falta de apoio e de recursos.

Loc: Resistem para manter o próprio lazer, para ocupar o próprio espaço e manter a identidade.

Loc: Todos sempre foram e permanecem sendo resistência.

Loc: No próximo episódio, vamos entender o porquê dessa galera também ser PERSISTÊNCIA.

Loc: Por que eles persistem na arte mesmo tendo que resistir a tudo isso?

VINHETA DE ENCERRAMENTO - Beat - Dom Black Part Thigor Mc Praga do Século

12'

APÊNDICE F – ROTEIRO 3

Programa: Goela Abaixo
 Repórter: Rafaela Monteiro
 Retranca: Razões para iniciar e continuar na cena
 Episódio: 3
 Título: Persistência
 Tempo: 23”23’

VINHETA DE ABERTURA - Instrumental – Jo Moura – O Mar e Ela
 9’

Loc: Salve Bauru! Rafa Monteiro presente pra trazer pra vocês o último episódio da série de reportagens Goela Abaixo!

Loc: Nos episódios anteriores, eu mostrei alguns perrengues que quem se dedica à música na periferia de Bauru enfrenta, não importa se como músico, como organizador ou como participante de um movimento.

Loc: Até mesmo o público topa com dificuldades, principalmente a violência policial.

Loc: Nem tudo nessa vida são flores, e o Goela Abaixo mostrou os espinhos nos dois primeiros episódios.

Loc: Mas os desafios para continuar produzindo e degustando arte não impedem a galera de PERSISTIR na defesa de seu espaço e reconhecimento e na busca pelo acesso à cultura plural e democrático!

Loc: Por isso, a história, as motivações e a fé no futuro que move artistas e seu público são o tema deste último episódio da série de reportagens especiais sobre a cultura musical na periferia de Bauru, uma cena em que o ritmo é dado:

Loc: Pelo samba.

Anderson D’Paula – Vai Devagar 12’

Loc: Pelo funk.

M’Silva - Xavantes 9’

Loc: E pelo rap.

Amaranta 014 - Resiliência 11'

SOBE E DESCE BG - Beat - Amaranta 014 - Resiliência
5'

Loc: Engolir algo a contragosto, goela abaixo, pode não ser agradável. Mas, a depender da iguaria, tem quem a deguste com prazer.

Loc: Assim ocorre com aqueles que consomem a música feita e compartilhada na periferia de Bauru.

Loc: Ora porque gosta dos artistas, ora porque curte o movimento, ora somente PORQUE está inserido nas comunidades, o público prestigia os eventos e as produções.

Loc: São degustadores refinados e afinados que, juntamente com os artistas, fazem a cena que sacode os territórios nas margens da cidade. E eles aparecerão também nesse episódio, então se liga hen!

Loc: Bom, para começo de conversa, vamos com a intérprete e compositora Jo Moura.

Sonora 1 - Jo Moura
De... Meu nome é...
Até... Arlindo Cruz..
12'

Loc: Também ficaram chocados? Pois é, essa é Jo Moura!

Loc: O batismo ocorreu quando ela se apresentou com Arlindo Cruz, no Bar Templo de Fé, em São Paulo, em 2017. O grande sambista carioca olhou para a então cantora Joelma no palco e disse: Jo Moura, segue seu caminho. E assim foi!

Loc: Hoje, Jo não se aventura somente no samba e tem trabalhos no jazz e no R&B.

Jo Moura - Paraíso Astral
16'

SOBE E DESCE BG - Beat - Jo Moura - Paraíso Astral

5'

Loc: Vocês esperavam um sambão? Oxe, mas eu avisei que a mulher também tem um pé no hip hop. Esse som é do projeto A2, em parceria com o rapper B8 e se chama "Paraíso Astral".

Loc: Jo Moura desabrochou como sambista no grupo Balaio de Sinhá, onde cantava monção ao sagrado afro. Praticante do candomblé, viu na música uma maneira de transmitir as mensagens, cantando samba para os orixás. intolerância religiosa, diz nunca ter sentido medo e segue em frente com seu amor à música.

Loc: Hoje, o foco de sua criação musical continua sendo a negritude, em especial a sexualidade da mulher negra. A música para ela, é a própria vida.

Sonora 2 - Jo Moura

De... Olha menina...

Até... eu tô abandonando

37'

Loc: Minamin Mc é uma artista que adora degustar o manjar musical oferecido por Jô. Ela assistiu à cantora num tributo a Zeca Pagodinho.

Loc: Lembra que eu tinha falado, lá no primeiro episódio, que os músicos sempre são pagos para fazer covers de outros artistas?

Loc: Então, com Jô Moura não é diferente. Ainda assim, o que leva a MC a admirar o trabalho da cantora bauruense é a animação sem igual. Eu entendo direitinho do que Minamin está falando, pois também estava no show tributo.

Sonora Minamin MC

De... Por que você curte ver, assistir a Jo Moura cantar?...

Até... isso é o samba, é raiz

29'

Loc: Jo, se você não sabia por que continua na música, saiba que as pessoas têm motivos pra te prestigiar.

Loc: Também uma legião de fãs se desloca para ver e ouvir Wellington, o Tom, e Luís Ricardo, o Toko. Os dois formam a banda Nosso Esquema. Segue um trechinho da música 'Paraíso/No compasso do criador'

Nosso Esquema - Paraíso/ No Compasso do Criador

20'

SOBE E DESCE BG - Instrumental - Nosso Esquema - Paraíso/ No Compasso do Criador

6'

Loc: Joice Caroline é moradora do Jardim Nova Esperança e atravessou a cidade só pra ver o Nosso Esquema num pagode promovido por um disk no Mary Dota.

Loc: Pra ela, o carisma e o talento da dupla fazem valer qualquer risco.

Sonora 1 – Joice

De... Mesmo com o risco da polícia aparecer...

Até... não tem o que fazer

38'

Loc... Tom é a voz e Toko é o carisma e o talento na hora de tocar! O próprio Toko fala da identidade da dupla.

Sonora Toko 1 - Nosso Esquema

De... Eu já vi muitas vezes ele cantando...

Até... representa muito a gente

10'

Loc: O grupo Nosso Esquema completou dezoito anos de carreira em 2022. Com um estilo muito romântico, a dupla mistura samba de partido alto com axé e sertanejo no repertório.

Loc: Segundo Tom, o amor pelo que fazem é o que os impulsiona.

Sonora Tom 1 - Nosso Esquema

De... O jeito de cantar...

Até... a pessoa entender

32'

Loc: Se para o Nosso Esquema o intuito de continuar fazendo música é levar a emoção adiante. Para o Lemão, do Sambadores, o que é?

Anderson D' Paula - Samba de Arlindo

21'

SOB E DESCE BG - Instrumental - Anderson D' Paula - Samba de Arlindo

7'

Loc: Segundo o sambista Anderson D' Paula, o Lemão, foram a família e amigos que o fizeram querer entrar no samba.

Loc: Aos quinze anos, aprendeu a tocar cavaquinho e não parou mais.

Loc: Depois de quase trinta anos, ele já tentou largar o samba, mas não conseguiu.

Sonora 1 - Lemão, Sambadores

De... É difícil explicar...

Até... não posso deixar morrer não

28'

Loc: Quando se fala em afeto pela história dos sambistas, o pessoal do Pagode Bauru sabe bem.

SOBE BG - Vinheta instrumental Pagode Bauru por 3' e DESCE BG após mais 2'

Loc: A página do Instagram Pagode Bauru surgiu em outubro de 2021 como uma brincadeira.

Loc: A princípio era pra ser só memes e lives de pagode e samba pela cidade. Só que acabou se tornando um canal de informação.

Loc: Em Bauru não havia uma agenda de pagode e samba pela cidade, e Bruno Fernando e Jean Marinho acabaram oferecendo não só esse serviço.

Loc: Eles também apresentam o podcast Pagode Bauru, um programa em que entrevistam grupos que ainda não chegaram ao estrelato, mas têm muita história pra contar.

Loc: Contudo, segundo Bruno Fernando, tanto a página, quanto o podcast não são lucrativos.

Sonora Bruno 1 - Pagode Bauru...

De... Eu sou apaixonado por samba...

Até... seguidor a gente só perde e é isso

35'

Loc: Que tem bastante samba que fala de amor romântico a gente sabe, mas vocês sabiam que existe amor no funk?

Loc: Então presta atenção nesse trecho da música ‘eternizada’ do M’Silva

M’Silva - Eternizada

13’

SOBE DESCE BG - Beat M’Silva - Eternizada

4’

Loc: Renan Silva, o M’Silva, de trinta e um anos, é cantor de funk, mas também tem passagens pelo trap e rap.

Loc: Há somente dois anos, ele se aproximou do funk depois de se frustrar com a igreja!

Loc: Se sentiu tão acolhido pela galera do funk, que quis se tornar MC.

Loc: Hoje, o que importa pra ele é levar o funk consciente, o amor e sua vivência.

Loc: O encanto é tanto pela profissão que M’Silva já até chegou a cantar de graça, só pras pessoas o ouvirem e se sentirem acolhidas.

Sonora 1 - M’Silva

De... Eu passei por muita coisa

Até... essa é a realidade

41’

Loc: E pra quem assiste o show do M’Silva? Sente-se acolhido como o artista gostaria? Num show pocket na Summer Palace, a Caroline Arielle tava na frente do palco.

Sonora 1 - Caroline

De... Ce conhece o M’ Silva, então?...

Até...desse jeito

16’

Loc: Pra Caroline, o jeito como M’Silva rima não tem igual e é a humildade do artista que a faz ir onde ele estiver.

Loc: E sabe onde já foi palco de show M’Silva e outros artistas? A tabacaria do Will!

Som orgânico do M'Silva sendo chamado num show

12'

SOBE E DESCE BG - Beat Mc Japa - Sim Salabim

4'

Loc: Depois de tantos anos organizando bailes de rua e no comando de sua tabacaria, no Parque Jaraguá, William Viana se tornou conhecido por todo canto em Bauru.

Loc: Por incrível que pareça, pra ele isso não é tão bom.

Loc: Ao mesmo tempo que ele é abraçado por toda quebrada, ele é amassado, ou seja, recebe enquadros agressivos, por todo policial, mesmo sendo uma simpatia de pessoa!

Loc: Isso exige do Dj perseverança pra continuar.

Loc: Porém, mesmo com os contras, o que o faz permanecer é gostar do que faz e saber que assim como salvou o M'Silva, o funk salva muita gente.

Sonora 1 - Dj Will

De... Você cresce na quebrada...

Até... 200%

50'

Loc: Esbarrei a Luisa, que preferiu não divulgar seu sobrenome, em frente à tabacaria do Will.

Sonora 1 - Luisa

De...O que cê curte nos bailes?...

Até... sim

30'

Loc: E essa preferência pelos artistas e eventos da própria quebrada é o que incentiva também o Mc Coruja.

Mc Coruja, Mc Neguinho da NE, Mc Rick NE - Trio do Problema

14'

SOBE E DESCE BG - Beat Mc Coruja, Mc Neguinho da NE, Mc Rick NE - Trio do Problema

7'

Loc: Felipe Adão, o Mc Coruja, tem como força todo o reconhecimento que as pessoas do Jardim Nova Esperança lhe dão.

Loc: Com o funk, ele pode engajar ainda mais eventos beneficentes. Segundo ele, fazer com que mais MCs de funk surjam e a coletividade na quebrada se fortaleça é seu maior objetivo.

Loc: Para o Coruja, não há nada mais gratificante do que ser visto como bom pelas crianças.

Sonora 1 - Mc Coruja

De... Eu queria falar...

Até... legado

22'

Loc: Essa pegada de querer ser uma inspiração para futuras gerações é um propósito frequente pra quem conhece a realidade da periferia. E a rapper Amaranta 014, assim como Mc Coruja, quer levar mensagens de esperança para as crianças.

Amaranta 014 - Marcas de Tinta

22'

SOBE E DESCE BG - Beat Amaranta 014 - Marcas de Tinta

6'

Loc: Samara Silva, a Amaranta, fala em suas letras de amor entre pessoas de quebrada, de pessoas pretas, de miscigenação, da realidade na quebrada, dos preconceitos, e sobretudo, sobre amor.

Loc: Para ela, permanecer artista é uma autonecessidade e seu objetivo é ser uma flor que nunca morre, por meio do seu trabalho.

Sonora 1 - Amaranta

De...Eu falo do amor também

Até...muito mais valioso do que qualquer coisa

29'

Loc: Além do autocuidado explicitado pela Amaranta, continuar fazendo rap, para Julio César, o Dom Black, é também cuidar do outro.

Dom Black - O que tua alma exala

18'

SOBE E DESCE BG - Beat Dom Black - O que a tua alma exala

8'

Loc: Dom Black se define como um homem que fala demais, por tocar nas feridas das pessoas nas suas letras.

Loc: Ele diz buscar mais do que se reconstruir: quer passar o que aprende sobre a vida pras outras pessoas.

Loc: Investir na música, pra ele, é incomodar por existir enquanto homem preto da quebrada e fortalecer quem resiste na caminhada junto com ele.

Sonora 1 - Dom Black

De...Permanecer depois...

Até... encontro meu com as pessoas

32'

Ele fala que ele queria devolver toda a ajuda que o rap deu pra ele, ele ouvia músicas que fizeram ele se salvar então ele queria promover esse encontro com as pessoas para que elas também se ajudassem...

Loc: Pro Gabriel Barbosa, o MC Zoio Baixo, que além de artista organiza a Batalha dos 13, o significado de persistir é muito mais do que uma conquista pessoal.

Loc: É o que traz sua serenidade em meio ao mundo visto por ele como caótico.

Sonora 1 - Mc Zoio Baixo..

De... O que me salva de todo esse caos é o movimento

Até... de eu ta realizando o meu sonho.

37'

Loc: Durante esses três episódios que desceram Goela Abaixo, a cena da cultura musical na periferia de Bauru e artistas dela foram apresentados.

Loc Os ritmos funk, rap e samba precisam:

Loc: Da insistência para produzir a cultura mesmo, sem terem apoio público, empresarial ou dinheiro e tempo de sobra.

Loc: Da resistência à violência, principalmente a policial, por serem parte da cultura negra e periférica.

Loc: E da persistência no afeto pelas pessoas da mesma realidade e sobretudo, no amor pelo que fazem.

Mc Zoio Baixo – Equívocos

16'

Loc: Agora que estamos no final, gostaria de desabafar algo atemporal.

Loc: Eu queria fazer poesia, mas Deus não me concedeu tal dom, para exercer com maestria.

Loc: Você artista:

Loc: insiste, persiste, resiste, EXISTE.

Loc: Não só na área 014, mas também em São Mateus.

Loc: É de lá que eu venho, esse foi um salve pros meus.

Loc: Isso aqui é só uma simples homenagem pra quem grita por meio da escrita.

Loc: Seja até fortalecendo a cena, do jeito que Deus te indica.

Loc: O importante é estarmos juntos enquanto a violência órbita.

Loc: A união gera mudança, e se me permite a ousadia...

Loc: A minha de hoje é dizer que jornalista também é cria!

VINHETA DE ENCERRAMENTO - Consciência Humana - Lei da Periferia - 21'

APÊNDICE G - LISTA DE MÚSICAS

Amaranta 014 - Jazz de Março
Amaranta 014 - Marcas de Tinta
Amaranta 014 - Resiliência
Anderson D' Paula - A Vida Foi Feita Pra Viver
Anderson D' Paula - Samba de Arlindo
Anderson D' Paula - Vai Devagar
Consciência Humana - Lei da Periferia
Dom Black - O Que A Tua Alma Exala
Dom Black Part T higor Mc - Praga do Século
Dom Black- Blacktéria
Jô Moura - Mandinga
Jô Moura - O Mar e Ela
Jô Moura - Paraíso Astral
Jô Moura - Samba de Bauru
Mc Bley - Nave Linda
Mc Bley - Saca as de 100
Mc Coruja - Brinde a Liberdade
Mc Coruja - Quebrei A Banca
Mc Coruja, Mc Neguinho da NE e Mc Rick NE - Trio do Problema
Mc Japa - Sim Salabim
Mc Kitinho - Medley dos Fluxos
Mc N15 - Baile da 13
Mc Zoio Baixo - Minha Origem Eu Não Esqueci
Mc Zoio Baixo - Dois Lados da Moeda
Mc Zoio Baixo - Equívocos
M'Silva - Acabou a Farra
M'Silva - Eternizada
M'Silva - Xavantes
Nosso Esquema - Resolvi Mudar
Nosso Esquema - Paraíso/ No Compasso do Criador
Nosso Esquema - Por Ter Você
Pagode Bauru - Vinheta Instrumental
Quincas Moreira - Malandragem